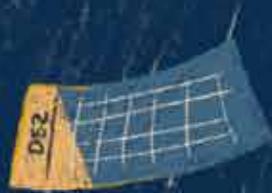
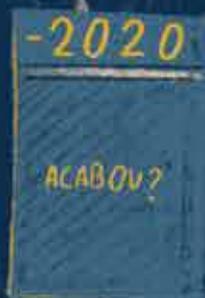
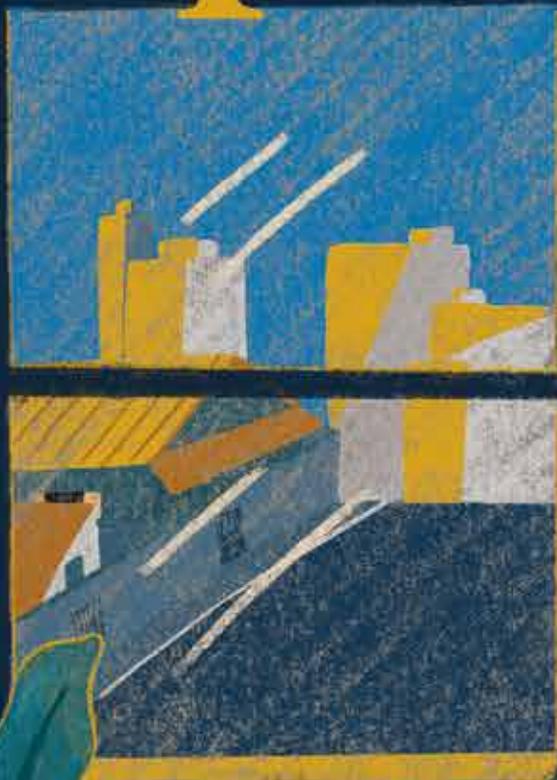


# campus repórter

ano 14 número 24 | dezembro 2020 | departamento de jornalismo | faculdade de comunicação | universidade de brasília



# 50 ANOS DO CAMPUS



HÁ CINCO DÉCADAS  
O JORNAL-LABORATÓRIO DA UNB  
FORMA REPÓRTERES PARA O BRASIL.



# Editorial

Sob o forte sol das 15 horas de quarta feira, 16 de dezembro, dois solitários jardineiros operavam suas barulhentas máquinas para cortar a grama próximo à entrada do Instituto Central de Ciências, o ICC, Norte, no campus Darcy Ribeiro, da Universidade de Brasília, na área central da cidade. Por perto, apenas um vigia ao lado do portão de entrada, olhando o estacionamento sem um único carro nas vagas cobertas por algumas sombras das árvores típicas do cerrado. Um retrato cruel de 2020, o ano em que a pandemia do coronavírus assustou o mundo.

O cenário desolador do ICC Norte pode ser visto no resto do Darcy Ribeiro e demais campi da UnB, nas regiões administrativas de Planaltina, Ceilândia e Gama, desde que o primeiro semestre de 2020 foi suspenso, ainda no mês de março, quando o Covid-19 já mostrava todo o seu poder. Entre agosto e dezembro, pela primeira vez na história, o semestre ocorreu apenas de forma remota.

Os amplos espaços vazios dos campi, feito cidades fantasmas – sem gente, movimento, conversas e atividades incessantes de estudantes, professores, funcionários, prestadores de serviços e visitantes - serão lembrados para mostrar que o isolamento e as dificuldades levaram a comunidade a buscar formas criativas para manter as atividades de ensino, pesquisa e extensão - os três pilares da instituição universitária. Essa criatividade assegurou a realização de aulas, seminários, discussões - todas virtuais – e o desenvolvimento de uma série de ações para contribuir com o esforço na luta contra a pandemia e seus efeitos. É justamente parte desse esforço que a edição de Campus Repórter retrata.

Trabalhando também de forma virtual, driblando os perigos do contágio, estudantes de Jornalismo, com a orientação de seus professores, foram a campo para levantar histórias do que está sendo feito na UnB e sobre a vida de personagens diversos de uma cidade, um País que, de alguma forma, foram afetados e tiveram que conviver com o isolamento forçado pela pandemia. Também remotamente, outros alunos trabalharam com afinco para a etapa de editoração e finalização da revista, que agora apresentamos aos leitores em 56 páginas de reportagens, fotos e ilustrações. Na produção das reportagens a edição contou com a colaboração de textos produzidos originalmente para a disciplina Apuração e Texto I, sob a responsabilidade da professora Marlise Brenol.

Boa leitura e um feliz 2021 para todos!

**Prof. David Renault**

Coordenador da Edição Executiva

# Sumário

# 06

A UnB e Pandemia

Conexão com  
a Sociedade **24**

O esforço para participar

# 16

## Expediente

Edição executiva (Coordenador)

**David Renault**

Edição de Arte

**Célia Matsunaga**

Edição de fotografia

**Marcelo Feijó**

Edição de texto

**David Renault**

Reportagem

**Andreia Morais, Lígia Vieira, Manoella  
Ribeiro, Ruan Roberto, Wanessa Alves e  
Luiz Oliveira**

Projeto Gráfico e diagramação

**Beatriz Socha, Lorena Fraga,  
Marina Dalton e Wanessa Alves**

Ilustrações

**Ana Laura Pinheiro, Camilla Fernandes,  
Daniel Freitas e Sara Viana**

Fotografia

**Marco Oliveira, Eduardo Meirelles e  
Isabela Castilho**

Agradecimentos

Marlise Brenol

# 34

Ensaio  
Fotográfico

# 40

Pretas que  
Trampam

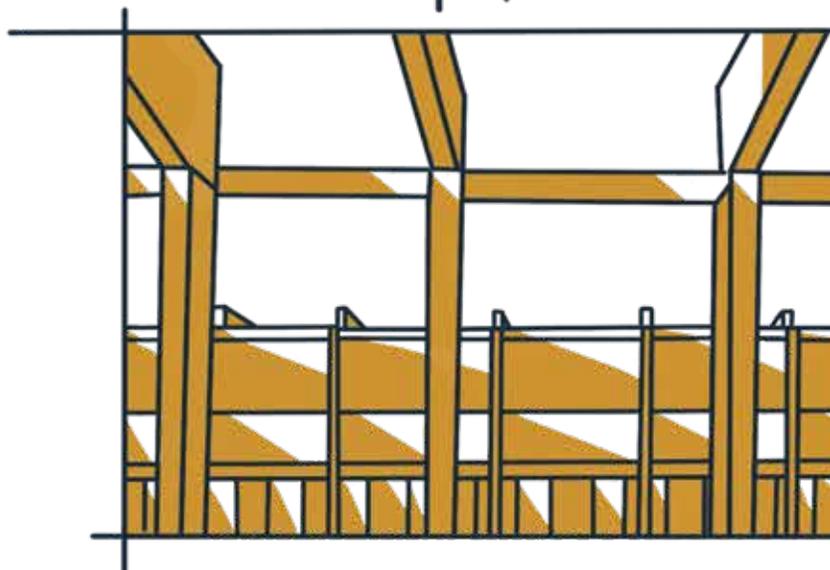
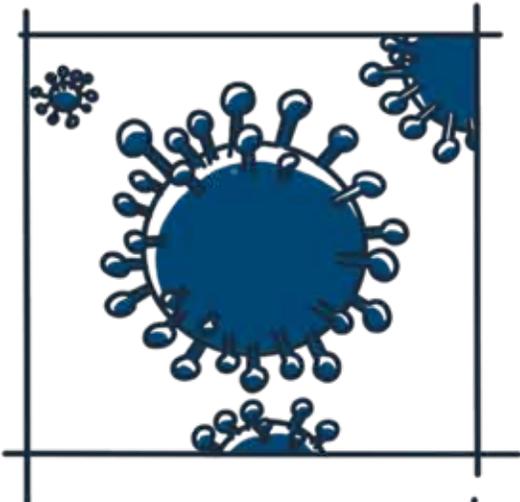
# 48

Pandemia  
da Solidão

Universidade de Brasília  
Faculdade de Comunicação  
**Diretora**  
Prof<sup>a</sup> Dione Oliveira Moura  
**Vice-diretor**  
Prof. Tiago Quiroga Fausto Neto  
**Chefe do Departamento de Jornalismo**  
Zanei Ramos Barcellos

**Chefe do departamento de Audiovisuais e  
Publicidade**  
Prof<sup>a</sup> Denise Moares Cavalcanti  
**Chefe do Departamento de Comunicação  
Organizacional**  
Prof<sup>a</sup> Janara Kalline de Sousa  
**Coordenador de Pós-Graduação**  
Prof. João José Curvelo

**Endereço**  
Campus Universitário Darcy Ribeiro,  
Faculdade de Comunicação, ICC  
Ala Norte - CEP: 70.910-900 Brasília-DF  
Tel: (61) 3107-6520 <http://fac.unb.br>  
Ano 13, N° 24 | Dezembro de 2020  
Impressão Gráfica Tavares e Tavares  
Tiragem 1.000 exemplares





# A UNB E A PANDEMIA

De repente, os cerca de 400 hectares e 500 mil metros quadrados de área construída do campus Darcy Ribeiro, na Asa Norte do Plano Piloto, na Capital Federal, ficaram vazios. Desapareceu o vai e vem e conversas animadas nos 800 metros que cortam da ala Sul a ala Norte o Instituto Central de Ciências, o ICC, ou Minhocão, o sussurro contido na Biblioteca Central, os movimentos em laboratórios, restaurantes, lanchonetes, salas de aulas e instalações diversas do primeiro e principal campus da Universidade de Brasília. Nos outros três, nas regiões administrativas de Planaltina, Ceilândia e Gama, a situação não foi diferente. A pandemia do Covid 19 quase eliminou completamente a presença física na UnB, como, de resto, nas principais universidades brasileiras e de outros países.

Texto: **Manoella Oliveira e Ruan Roberto**

Fotografia: **Eduardo Meirelles**

Ilustrações: **Daniel Freitas**

Design gráfico: **Lorena Fraga**

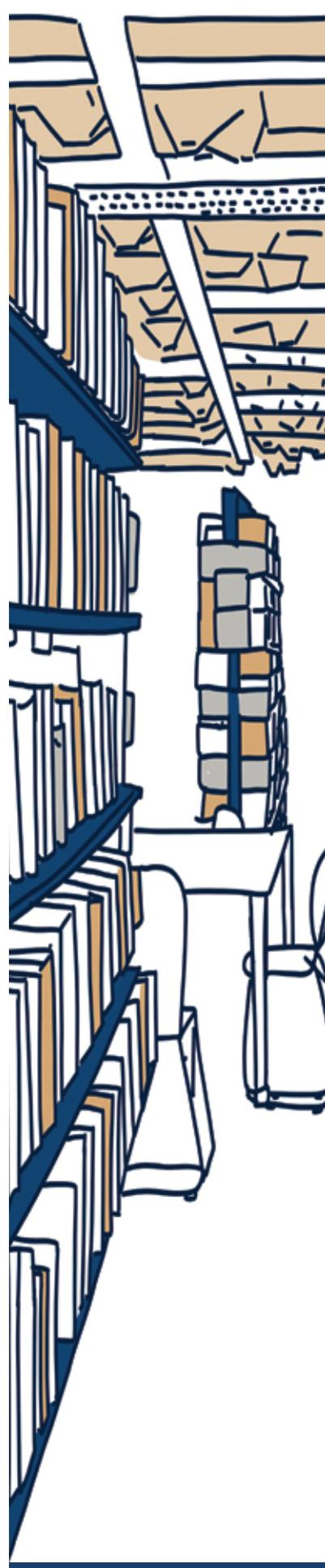
**E**m 11 de março o governo do Distrito Federal decretou a quarentena em seu território, com o fechamento de atividades presenciais sob sua jurisdição, para conter a disseminação do Coronavírus. A partir daí, a população se viu em uma situação de grande calamidade e medo. Cada indivíduo reage de maneira diferente a essa emoção, alguns podem ficar ansiosos, angustiados, irritados ou agressivos. A pandemia de COVID-19 alterou a vida de todos em vários países, trazendo novas demandas e necessidades em termos de estudos, trabalho, convivência e saúde de forma geral, incluindo a saúde mental.

A UnB seguiu na esteira dos acontecimentos. As aulas do primeiro semestre de 2020, presenciais como sempre, começaram em 9 de março.

Dia 23 de março de 2020, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) suspendeu o calendário acadêmico pelo tempo que durasse a situação de emergência rela-

cionada à pandemia do novo coronavírus no Distrito Federal. Isso impactou diretamente na vida dos alunos e docentes de toda a universidade, que chegam a cerca de 50 mil, além dos funcionários que contribuem para o funcionamento da UnB, como os de limpeza e jardinagem.

Nesse contexto, as 68 universidades federais das cinco regiões brasileiras realizaram estudos e projetos de toda natureza, desde pesquisas básicas, investigações nas ciências humanas e sociais, desenvolvimentos tecnológicos inovadores e produções de insumos, até ações extensionistas de atenção à saúde, solidariedade e responsabilidade social. A maioria dessas ações relacionadas ao novo coronavírus, suas consequências na saúde e nos aspectos comportamentais, institucionais, econômicos e sociais do país.





Por necessidade, docentes e servidores técnicos e administrativos foram recomendados a trabalhar remotamente, em casa, de quarentena, para garantir atividades essenciais e atendimento básico a alunos e professores, também isolados em suas residências, e da estrutura administrativa da UnB. Assim como ocorreu em universidades em mais de cerca de 130 países, as atividades regulares presenciais foram suspensas no Brasil, medida necessária para o bem da comunidade universitária e da sociedade em geral.

Uma pesquisa publicada no ano de 2018 pela Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), mostrou que 70,2% dos estudantes das universidades federais do Brasil, viviam - em média - com renda mensal familiar per capita de até um salário mínimo e meio. Os dados suscitam uma questão: como garantir as mínimas condições de subsistência de milhares de estudantes e a participação em atividades acadêmicas em meio à pan-

demia? Se os dados refletem as desigualdades sociais por vezes ignoradas, as instituições de ensino, incluindo a UnB, tiveram que buscar alternativas para tentar minimizar o problema da exclusão digital e permitir que alunos de menor renda tivessem acesso a aulas remotas e conteúdos produzidos durante a pandemia. Daí, a criação de projetos para distribuição de computadores e celulares, e acesso gratuito à internet.

A Universidade de Brasília nasceu em 1962 do sonho dos educadores Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Nesses 58 anos viveu altos e baixos, foi perseguida e invadida por forças do regime militar instaurado no Brasil em 1964, mas se consolidou como parte fundamental e insubstituível da Capital Federal. E a comunidade universitária segue firme acreditando no poder da educação e da ciência.

“Ainda não estamos preparados para viver fora da sala e em um ambiente 100% virtual e digital, às vezes, assíncrono, onde as aulas nem são em tempo real.”



No momento em que o mundo se fechou em casa para enfrentar a pandemia do coronavírus, a UnB começou a fazer um movimento duplo. Ao mesmo tempo em que trabalha de forma remota, seus docentes, estudantes e técnicos se mobilizam para conseguir promover a responsabilidade social. A instituição busca inovar em ensino e pesquisas, contribuindo, inclusive, com iniciativas para defesa contra o coronavírus, a exemplo da fabricação de álcool em gel e máscaras para distribuição à população, projetos de extensão e apoio psicológico, voltados para os públicos internos e externos, entre outras ações.

O Comitê Gestor do Plano de Contingência da Covid-19 da UnB (COES) orienta ações gerais da Administração Superior, com um olhar específico também sobre medidas de prevenção do contágio e os impactos do isolamento na saúde mental de todos.

Estudantes de graduação e pós-graduação da Faculdade de Tecnologia, coordenados pela professora Andréa Santos, fabricaram e entregaram para o Hospital Regional da Asa Norte (Hran) máscaras protetivas, uma espécie de viseira que os profissionais de saúde colocam como proteção para as máscaras hospitalares.



No âmbito do Parque Científico e Tecnológico (PCTec) da UnB, em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) de Brasília, foi criada uma plataforma de Inteligência Cooperativa com Atenção Primária à Saúde para o enfrentamento da Covid-19 nos territórios do Distrito Federal e municípios vizinhos, lançada em 29 de maio. Além disso, a UnB não interrompeu o pagamento de nenhum subsídio, remanejando recursos orçamentários para garantir a concessão de 3.326 auxílios alimentação em caráter emergencial para os estudantes em vulnerabilidade socioeconômica que, antes, faziam suas refeições no Restaurante Universitário, fechado com a pandemia.

O Hospital Universitário (HUB), por sua vez, está comprometido com o combate à Covid-19. Compõe a rede de hospitais que recebem pacientes que necessitem de internação por doenças que não sejam a Covid-19 e, assim, liberam leitos no Hran e outras unidades do Governo do Distrito Federal de referência para tratamento do coronavírus.

O HUB participa de projetos de ensino, pesquisa e extensão com foco no enfrentamento à pandemia, ao lado das faculdades de Ciências da Saúde, de Medicina e UnB Ceilândia. Também capacita médicos e enfermeiros voluntários da Força Nacional do Sistema Nacional de Saúde (SUS) para atuar em cidades brasileiras mais atingidas pela doença.

O ano de 2020 irá marcar a história mundial e certamente será lembrado pelas próximas décadas. A pandemia de covid-19, que surpreendeu todo o mundo, provocou mudanças em diversos setores da sociedade. Para o professor do Departamento de Saúde Coletiva, da Faculdade de Saúde da



UnB, Breitner Luiz Tavares, o ensino remoto, como está ocorrendo na UnB, frustra expectativas, pois a maioria dos seus docentes e estudantes “foram socializados” dentro de uma sala de aula. “Ainda não estamos preparados para viver fora da sala e em um ambiente 100% virtual e digital, às vezes, assíncrono, onde as aulas nem são em tempo real. Tudo isso quebra o aspecto verbal, a relação do olhar direto do aluno e professor, trazendo uma sensação de rigidez e artificialidade”, afirma. O professor diz que é possível perceber uma maior falta de interesse, de participação e “um enorme estranhamento” nas relações sociais dentro do espaço educacional. Assim, é necessário analisar se nossas gerações estão preparadas para esse método de ensino emergencial. “Não basta ligar uma webcam, microfone e esperar que as coisas permanecerão iguais.” Na verdade, acrescenta o docente, a UnB não executa um modelo de ensino a distância tradicional, mas um “método temporário e emergencial”, por meio do ensino remoto.

“No momento em que o mundo se fechou em casa para enfrentar a pandemia do coronavírus, a UnB começou a fazer um movimento duplo”

Parte da comunidade científica analisa como a pandemia da Covid-19 trouxe à tona fragilidades que não se imaginavam tão profundas, como a desigualdade socioeconômica dentro das próprias universidades. O professor da Faculdade de Educação da UFRJ, Roberto Leher, durante um webinar promovido pela UnB no dia 10 de junho, avaliou que a atual pandemia interpôs, a todas as gerações, desafios profundos que vão além das questões de saúde, pois interfere ao mesmo tempo nas dimensões econômicas, socioambientais e políticas. Mas Leher considera que as universidades encontrarão nos conhecimentos acadêmicos soluções para as novas demandas geradas pela crise em saúde pública. O professor Breitner Tavares concorda e destaca que a universidade tem uma responsabilidade social. “Existe não apenas para formar quadros técnicos e competentes, mas também para buscar mecanismos que auxiliem na redução das desigualdades sociais”, afirma.

Assim que o Governo do Distrito Federal decretou a volta gradativa das atividades presenciais na cidade, as várias unidades da UnB começaram a discutir alternativas para a retomada do calendário acadêmico, incluindo as aulas. Descartada a possibilidade de au-

las e trabalhos laboratoriais presenciais em um primeiro momento, as unidades de ensino passaram a preparar seus cronogramas para a volta, o que levou praticamente toda a UnB a promover cursos e treinamento para capacitar docentes, rediscussão sobre conteúdos e formas de ministrar e avaliar disciplinas, além das possibilidades de acesso de toda a comunidade estudantil ao novo ensino.

Na Faculdade de Comunicação, por exemplo, foram aulas e oficinas virtuais, incluindo tutoriais sobre o ensino remoto utilizando as plataformas Moodle, Google Classroom, Google Meet e o Teams, entre outros. Em meio às discussões e treinamentos, os professores passaram a adaptar suas disciplinas para utilização de plataformas online.

As primeiras semanas após o reinício do semestre, em 18 de agosto, foram de “adaptação” em toda a UnB, período em que cada professor pode discutir com os alunos de suas disciplinas a forma mais conveniente de conduzir o semestre letivo.

Através de atividades síncronas, em que todos estão presente ao mesmo tempo de forma remota, ou assíncronas, por meio de disponibilização de gravações em áudio, vídeo, exercícios e outros, para estudos dos estudantes nos horários mais conve-

nientes para eles. Os ensinamentos dessa fase foram “fundamentais para instruir os docentes na escolha da plataforma mais adequada para seu método de ensino e prover segurança e apoio a todos”, afirma a professora Suzana Guedes, do Departamento de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação.

Ao final do primeiro semestre letivo do ano, a sensação é de que a comunidade da UnB está bem mais preparada para enfrentar novos períodos de ensino remoto e, se assim permitir a pandemia, recomeçar atividades presenciais, restritas e limitadas a algumas áreas da universidade, em algum momento de 2021. O segundo semestre de 2020 terá início dia 01 de fevereiro e encerramento em 21 de maio de 2021.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas em meio à nova realidade resultante da pandemia, a comunidade universitária tenta manter a esperança e seus ideais. Mesmo porque orgulha-se de fazer parte de um espaço de aprendizado que pode contribuir diretamente no enfrentamento à Covid-19, em um momento em que a humanidade depende como nunca do avanço da Ciência. Como diz o professor Breitner Tavares, a expectativa de todos é de que a UnB possa voltar o mais rápido possível com as atividades presenciais, de forma segura.

O primeiro caso identificado como o novo coronavírus (SARS-CoV2) foi em Wuhan, na China, no dia 31 de dezembro de 2019. Desde então, o vírus se espalhou rapidamente pelo mundo, saindo do continente Asiático principalmente para a Europa e América. Em fevereiro de 2020, a transmissão acelerada da covid-19 (nome dado à doença) no Irã e na Itália chamaram a atenção pelo crescimento rápido da contaminação e mortes, fazendo com que o Ministério da Saúde do Brasil definisse como casos suspeitos os de pacientes que estiveram em outros países. Em março, a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu o surto da doença como pandemia e foi confirmada a primeira morte no Brasil. As Nações foram obrigadas a adotar políticas e decisões pautadas na ideia de isolamento social, medidas preventivas e a busca de uma vacina.

O País mais afetado pela pandemia são os Estados Unidos, com 264.862 mortos e 13.176.990 infectados, segundo dados divulgados em 28 de novembro. O Brasil, que é o segundo, tinha 6.238.350 casos confirmados e 171.998 mortes no mesmo dia, segundo registro do consórcio de veículos de comunicação brasileiro que faz o levantamento diariamente, com base nas informações das Secretarias de Saúde dos estados.



Suzana Guedes,  
professora



Gabriel Rebouços,  
estudante



Breitner Tavares,  
professor

O professor também vê um aspecto positivo na experiência a partir da pandemia, que é o de acelerar o processo de uso de ferramentas digitais que já existiam. “Eu imagino a UnB em um contexto de pós pandemia com mais fluidez e menos congestionamentos. Encontros mais objetivos, mas que a gente tenha a oportunidade de olhar um para o outro, se encontrar e discutir, ou seja, gozar de todos esses bens que a vida e as interações nos oferecem”. A professora Suzana

Guedes lembra que ter vivenciado uma pandemia será um aprendizado muito significativo para toda a comunidade universitária. “O retorno às atividades presenciais terá um valor especial no sentido em que somos seres sociais e precisamos coexistir com respeito, atenção e carinho com as pessoas. Quero encontrar com os meus alunos, dar boas risadas, celebrar a vida e festejar bastante o último dia de aula a cada semestre, porque haverá muitos outros”.



## **A educação a distância**

Para saber sobre a evolução do ensino a distância ao longo da história, pode-se recorrer ao livro de Michael Moore e Greg Kearsley, Educação a distância: uma visão integrada.

A primeira geração de educação a distância ocorreu quando o meio de comunicação era o texto e a instrução por correspondência, estudo em casa, na década de 1880. A segunda já utilizou o rádio – nova tecnologia do início do século XX – cuja primeira radiodifusão educacional aconteceu em 1921 pela University of Salt Lake City, nos Estados Unidos. A televisão, por meio da University of Iowa, também nos Estados Unidos, entrou no sistema em 1939.

Novas técnicas de instrução, a articulação de várias tecnologias de comunicação e a teorização da educação fomentaram o surgimento da terceira geração, na década de 1960 e início dos anos de 1970, com o marco histórico do Projeto Mídia e Instrução Articulada (AIM) da University of Wisconsin (USA) e a Universidade Aberta da Grã-Bretanha. As tecnologias incluíam guias de estudo impressos e orientações por correspondência, transmissão por rádio e televisão, audiotapes gravados, conferências por telefone, kits para experiência em casa e recursos de uma biblioteca local.



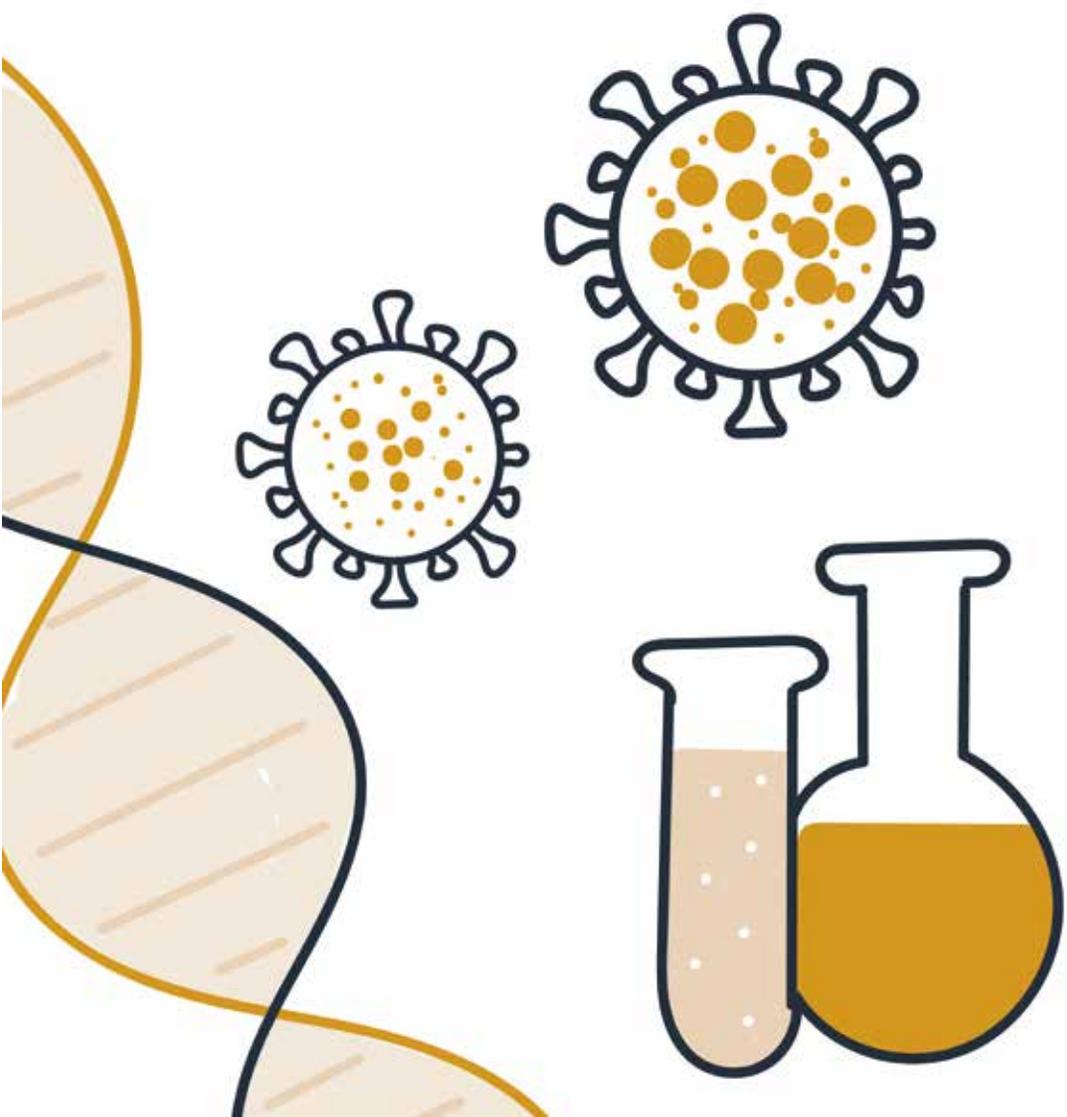
A quarta geração, a teleconferência, também nos Estados Unidos nos anos de 1980, e a quinta, são aulas virtuais baseadas no computador e na internet. E quais eram os objetivos dessas diferentes modalidades de educação a distância? Sobretudo utilizar a tecnologia para o ensino e a aprendizagem, a fim de alcançar as pessoas que pudessem se beneficiar dos conhecimentos educacionais. No Brasil, só por volta de 1940 escolas de ensino a distância foram formalmente criadas. Essas escolas enviavam todo material didático por correspondência, através de trens e dos correios, e os cursos oferecidos eram voltados para capacitação profissional de empregados no setor do comércio e de serviços e pessoas em geral que queriam uma formação específica.

Com o passar do tempo e com a evolução tecnológica, o que viria a ser o ensino a distância no Brasil se ampliou e melhorou a qualidade, partindo da correspondência, do rádio, da televisão, até o computador nos dias atuais. A UnB, que no seu projeto original de 1961 previa o emprego de tecnologias em seu ensino, em 1979 assinou um convênio com a Open University, da Inglaterra, para oferecer cursos de extensão a distância. O grande salto se deu com parcerias firmadas com o Ministério da Educação, a partir de 2025, para integrar o Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), que reúne diversas instituições de ensino para oferecer cursos superiores, por meio de educação a distância, a parcelas da população em várias regiões do País que têm dificuldade em frequentar cursos presenciais. Os polos da UAB oferecem a infraestrutura física, tecnológica e pedagógica, que permitem aos alunos acompanharem os cursos a distância. Na moda-

lidade, a UnB oferece licenciaturas em nove áreas, a exemplo de Pedagogia, Geografia, Biologia, Educação Física e Letras.

Embora já tenha, portanto, estrutura e experiência com o ensino a distância por meio remoto, a UnB precisou se reinventar quando a pandemia obrigou à paralisação dos cursos presenciais. Para o estudante de Biologia Breendo Pereira da Silva, conciliar disciplinas práticas a distância tem sido um grande desafio e ele acredita que nesse ponto os alunos estão sendo prejudicados. “Em matérias práticas, como Fisiologia Vegetal, que estou fazendo este semestre e exige aulas no laboratório, a professora está tentando fazer dinâmicas, mas com adaptações para sistema o online. Ela grava vídeos dentro do laboratório fazendo experimentos, a fim de que consigamos reproduzir, mas não é a mesma coisa, a vivência que temos dentro do laboratório é outra e acabamos sendo prejudicados”, afirma.

O estudante do segundo semestre de Medicina, Gabriel Rebouços de Lima, concorda com as dificuldades para replicar atividades práticas fora dos laboratórios da UnB. Mas, em outra perspectiva, aponta alguns benefícios do ensino remoto, como ter mais tempo, flexibilidade de horários e acesso as aulas gravadas a qualquer momento, coisas que não seriam possíveis com o sistema apenas presencial. “Acho que o que mais me fazia sofrer era o transporte, porque eu moro bem longe da UnB e horas de trânsito me deixavam muito insatisfeito”. Ao perder muito tempo nos deslocamentos, Gabriel sentia que não conseguia atingir todo o seu potencial como estudante. “Então, este foi um ponto positivo”.



# O esforço para contribuir e participar

A Universidade de Brasília (UnB) foi e é uma das instituições dedicadas a avançar nas pesquisas e no desenvolvimento de produtos contra a covid-19 para auxiliar no momento pós-pandemia. Para sistematizar e viabilizar projetos da universidade voltados para o enfrentamento do coronavírus, foi criado o Comitê de Pesquisa, Inovação e Extensão de combate à Covid-19 da UnB (Copei). Conheça algumas das iniciativas.

Texto: **Wanessa Alves**

Fotografia: **Florian Pastore**

Design gráfico: **Wanessa Alves**

Ilustração: **Sara Viana**

## As primeiras pesquisas

Em dezembro de 2019, foram noticiados os primeiros casos de covid-19 em Wuhan, cidade da China. Em 3 de fevereiro, o governo brasileiro declarou Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN), apesar de nenhum caso confirmado. Pouco tempo depois, em 26 de fevereiro foi registrada a doença em um homem de 61 anos, morador de São Paulo (SP), à época, recém chegado da Itália.

Dois dias após esse primeiro caso de paciente por covid ter sido confirmado, duas pesquisadoras da Universidade de São Paulo (USP), sequenciaram o genoma do vírus da covid-19, SARS-CoV-2. Esse procedimento visa entender o funcionamento do material genético do vírus e a partir desse estudo seria possível desenvolver um imunizante, ou seja, a vacina capaz de prevenir a doença. A UnB, em parceria com o Laboratório Sabin, foi a terceira no país e primeira no Distrito Federal a sequenciar o genoma do coronavírus.

À época, os pesquisadores da UnB, professores da universidade e especialistas do Sabin explicaram, em matéria publicada pela instituição de ensino, como foi feito o procedimento. “O sequenciamento consiste em fazer a extração do ácido nucleico do vírus (que, no caso do coronavírus, é a molécula de RNA que constitui o genoma viral) e sequenciá-lo por meio de um equipamento específico para essa finalidade. A máquina saiu do Laboratório de Microscopia Eletrônica e Virologia da UnB e foi levado até o Sabin, para um process

## Tecnologia a serviço da saúde

Diante do cenário desafiador, com muitas perguntas e incipientes respostas, em abril, a UnB criou o Comitê de Pesquisa, Inovação e Extensão de combate à Covid-19 (Copei) que junto com o Decanato de Pesquisa e Inovação (DPI) e o Decanato de Extensão (DEX) lançaram chamada pública para 115

projetos que tivessem como foco o combate à covid-19. Dentre os projetos escolhidos está o Câmeras térmicas para o reconhecimento de pessoas portadoras de covid-19, coordenado pelo professor de engenharia eletrônica da Faculdade do Gama (FGA/UnB) Gerardo Pizo. O projeto conta ainda com a participação de outros professores e uma equipe de estudantes multidisciplinar.



Câmera FLIR E-75 modelo que será usado pelo projeto de aferição de temperatura.

A pesquisa, iniciada em março deste ano, continua em fase de estudos e teste de algoritmos com base em imagens de repositório, enquanto aguarda recursos financeiros. “As câmeras de imagem térmica podem ajudar a realizar triagem térmica da pele humana com a possibilidade de detectar sintomas de febre. Este tipo de tecnologia é mais rápido que os termômetros de curto alcance [utilizado em lugares públicos, como supermercados e shoppings], argumenta Pizo.

O objetivo final é possibilitar uma triagem rápida e em massa da população, utilizando o software desenvolvido pelo projeto, nos equipamentos importados da China. Funcionará da seguinte forma: os indivíduos são monitorados remotamente ao passar nos pontos de verificação

de triagem montados em um aeroporto, fronteira ou no saguão de entrada de uma empresa ou escola. O operador da câmera infravermelha olha para um monitor colorido, que usa alarmes visuais e/ou sonoros quando um indivíduo exibe uma temperatura corporal incomum, a partir de 37,5 °C. As pessoas com temperaturas corporais mais elevadas que a norma são enviados para uma fila separada, para posterior examinação por um profissional de saúde ou designado.

### **Ação que vem do coração**

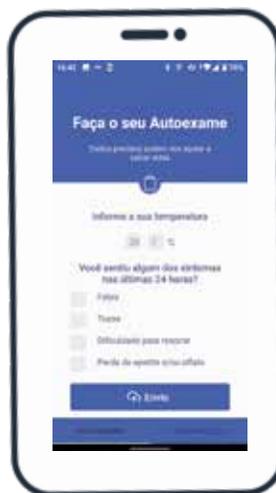
Em latim, Coraticum tinha o mesmo significado que coragem. A pessoa com coragem não se esconde, mas enfrenta os desafios e os medos com a ajuda de sua força interior, diz o dicionário etimológico brasileiro. Nas transformações para o português, passa a ser uma ação do coração. Ou Ação que vem do coração, como entende o professor Renato Alves Borges, do Departamento de Engenharia Elétrica, da Faculdade de Tecnologia da UnB, coordenador do Projeto Coraticum, abrigado sob o edital de chamada pública da UnB.

A equipe coordenada pelo professor achou mais adequado o nome Coraticum, para mostrar que era uma ação espontânea de um grupo que se organizou para fazer um trabalho. “Foi uma maneira de transmitir, no nome do aplicativo, uma palavra de estímulo, de força”, afirma Borges.

O aplicativo foi desenvolvido em conjunto por professores, pesquisadores, estudantes e técnicos administrativos dos departamentos de Engenharia Elétrica, Ciências da Computação e da Secretaria de Tecnologia da Informação da UnB. O objetivo é monitorar os casos de covid-19 por meio do bluetooth dos telefones celulares e utilizar outras informações complementares dos usuários. Torna-se, assim, uma forma de ajudar a logística das instituições de saúde no combate à doença.



O aplicativo tem uma aba com orientações de como se prevenir da covid-19. Imagem: Divulgação/Coraticum



O usuário também pode fazer um autoexame para detectar sintomas simples como febre, tosse, dificuldades para respirar e perda de apetite e/ou olfato. Imagem: Divulgação/Coraticum

As pesquisas para o desenvolvimento do sistema de monitoramento começaram em março de 2020, quando surgiram os casos da doença no país e a necessidade de monitorar a disseminação. “No processo foi preciso tentar entender a dinâmica das pessoas dentro dos centros urbanos e de regiões específicas, especialmente as mais críticas, com alto risco de contaminação”, diz o professor Renato Borges,

O aplicativo funciona assim: 1) o usuário instala o aplicativo no celular e autoriza acesso à algumas informações e ao bluetooth do aparelho. De forma automática, quando um usuário passa próximo a outro que também tem o dispositivo instalado no smartphone, os aparelhos trocam mensagens codificadas com outros usuários com o mesmo software baixado no celular; 3) caso haja notificação de Covid positivo é emitido um alerta para rastrear com quem essa pessoa esteve. As informações são armazenadas no próprio aparelho preservando a privacidade do usuário.

Ao contrário dos aplicativos que utilizam GPS para localizar o usuário, este usa o bluetooth para mapear a interação social por meio da medição de proximidade das pessoas. Tudo isso mantendo sigilo dos dados entre os usuários. As informações colhidas pelo app são enviadas diretamente e em forma de código, para o sistema computadorizado de saúde do governo. Com o objetivo de auxiliar a gestão dos órgãos de saúde no combate à doença.

Com o rastreamento dos contatos dos doentes é possível acessar, no período em que ela pode estar transmitindo o vírus, quais os contatos físicos manteve e, assim, adotar medidas que ajudem a evitar o crescimento de novas contaminações, explica o pesquisador.

O professor Borges ressalta que a principal funcionalidade do software, o rastreamento de pessoas, precisa ser bastante seguro, para não ferir a privacidade do usuário. Um das primeiras coisas que pensamos foi que, “durante a instalação, a pessoa vai ter que conceder direito ao acesso de tais sensores do aparelho, informações que permitam entender como esse dispositivo está se deslocando”. É uma questão delicada cujos estudos ainda estão sendo desenvolvidos. Ela explica que o dispositivo não é associado ao usuário, pois, ao instalar o app, o sistema gera um código de identificação do aparelho. “Na verdade, o que se tem é um banco de dados em que os dispositivos [celulares] ficam identificados e cadastrados. É claro, se eu estou falando da atuação no combate à doença, em algum momento é preciso associar o dispositivo com a pessoa, para notificar a possível contaminação”, esclarece o professor. .

## 23 mil usuários cadastrados, do total 67,2% estudantes da UnB e 32,8% usuários sem vínculo com a instituição

O projeto, cuja primeira versão do software está pronta, ainda não foi lançado em lojas de aplicativos, pois o grupo que o desenvolveu aguarda apoio financeiro para formar uma equipe de pessoas que irá trabalhar com o app. O professor Borges diz que foram feitas várias simulações de carregamento, para testar a infraestrutura do aplicativo e saber a capacidade máxima de usuário é possível armazenar e proteger contra ataques cibernéticos. Isso é importante “para que mais ninguém tenha acesso a essas informações”, resume Borges. Para saber mais sobre o app, você pode acessar o site: [www.aerospace.unb.br/coraticum](http://www.aerospace.unb.br/coraticum)

### **Guardiões da Saúde**

O sistema Guardiões da Saúde está em operação desde 2007, mas foi estudado, adaptado e aprimorado por alunos e professores nas dependências da Universidade de Brasília, em 2020, impulsionados pela pandemia. O aplicativo foi criado pela Associação Brasileira de Profissionais de Epidemiologia de Campo (ProEpi) com o intuito de estimular uma vigilância participativa, onde o próprio usuário informa o estado de saúde, contribuindo para o monitoramento de doenças no país. O projeto faz parte de uma parceria entre a ProEpi e o Ministério da Saúde. Em 2017, foi feita uma parceria diretamente entre a Sala da Situação da Saúde da UnB e o ProEpi, para avaliar e monitorar a questão epidemiológica do país, durante os grandes eventos esportivos. Já a implantação do aplicativo durante a pandemia de covid-19 faz parte do projeto da Sala de Situação, espaço multidisciplinar que reúne alunos e professores com o objetivo de pesquisar e analisar dados ligados à saúde e auxiliar os gestores responsáveis pela saúde nas tomadas de decisões, informa o professor e coordenador da equipe de comunicação do Guardiões da Saúde, José Antônio Iturri de La Mata, da Faculdade de Ceilândia (FCE/UnB).

No mês de novembro de 2020, o aplicativo tinha 23 mil usuários cadastrados, do total 67,2% estudantes da UnB e 32,8% usuários sem vínculo com a instituição. A popularização do app entre os alunos têm relação com a concessão de quatro créditos (espécie de pontuação liberada quando é aprovado em uma disciplina, usada para concluir a graduação), para os graduandos que respondessem durante 112 dias, três meses e meio, a pergunta feita no app: “como está se sentindo hoje?”. O questionamento simples apresenta duas respostas “bem” e “mal”. Além disso, o app conta com aba de dicas de prevenção à doença, mapa com a indicação dos lugares em que o mapeamento é feito e notícias sobre a covid-19.

“Em junho quase ninguém da universidade tinha o aplicativo. Para fazer a vigilância da população tem que engajar muitas pessoas”, conta o professor. Ele explica que a ideia da concessão de créditos foi uma forma de encontrar apoio dos universitários, idealizada



Produção de álcool em gel no Instituto de Química da Universidade de Brasília (IQ/UnB). Foto: Floriano Pastore (IQ/UnB)



Ao todo, foram produzidos mil litros de álcool gel. Crédito: Floriano Pastore (IQ/UnB)

pelos Guardiões em conjunto com o Decanato de Graduação (DEG/UnB). A iniciativa tem sido tão boa que outras universidades já procuraram a UnB para implementar o programa.

Semanalmente é divulgado um boletim epidemiológico feito com base nos dados informados pelos usuários. A equipe do ProEpi, juntamente com o grupo da Sala de Situação e em parceria com o pessoal da Análise epidemiológica, fazem a apuração e passam esses dados para a equipe de comunicação, que trabalha o layout e publica nas redes sociais dos Guardiões e no app.

No boletim divulgado em 20 de novembro de 2020, dos usuários que colaboraram com a pesquisa, apenas 11,1% são do grupo de risco e 7,1% declaram que não possuem nenhuma comorbidade que os coloquem nesse grupo e 81,4% não declararam. De acordo com o mapa geral de infectados sintomáticos, mais de 11% dos alunos da UnB, moradores da cidade administrativa do DF, Sol Nascente, disseram que sentiram sintomas da doença. A segunda cidade com mais infectados é Recanto das Emas, também região administrativa do DF, que registrou entre 7,5% e 11% de sintomáticos.

Nos meses finais do ano a mídia tradicional, incluindo jornais e televisões utilizaram os boletins da Sala, que também são publicados no repositório da UnB, lembra o professor. Você pode baixar o app nas lojas de aplicativos e também acessar os boletins no Instagram @guardioesdasaudeunb.

## **Em busca do álcool em gel**

Logo no início da pandemia no Brasil, quando os frascos de álcool gel sumiram das prateleiras dos fornecedores e supermercados, na UnB começou um movimento para suprir, pelo menos em parte, um dos itens mais utilizados para higienizar as mãos e outras partes do corpo, além de objetos e espaços diversos, quando não há água e sabão por perto.

A Prefeitura, o Decanato de Administração e o Instituto de Química da UnB se uniram para produzir e distribuir álcool gel nos quatro campi da universidade e na Casa do Estudante Universitário (CEU), do campus Darcy Ribeiro. O objetivo inicial era garantir a segurança dos funcionários e equipes de limpeza e segurança que mantiveram o trabalho presencial na instituição.

Para atender à demanda inicial, em função da falta do produto no mercado, foram fabricados mil litros de álcool gel no próprio laboratório do Instituto de Química na UnB, conta o professor e coordenador dos projetos, professor Floriano Pastore. Segundo ele, após ser fabricado, o produto foi entregue ao almoxarifado da universidade, que repassou aos servidores e prestadores de serviço. “Foi, principalmente, para o setor de vigilância, que, nesse período, foi o mais ativo na universidade”, afirma Pastore.

O trabalho e a fabricação contaram com a participação fundamental de alunos vinculados à Empresa Júnior Consultoria e Serviços em Tecnologias Químicas (CSTQ). E este trabalho emergencial inspirou um novo projeto de pesquisa do professor para produzir um produto mais hidratante, diferenciado da maioria do que se tem no mercado.

## **Ciência no combate à pandemia**

De acordo com a pesquisa realizada pelo Projeto Ciência Popular da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), divulgada no Jornal da USP, em setembro deste ano, cerca de duas mil pesquisas estiveram em desenvolvimento em universidades e institutos federais em 2020. O objetivo do levantamento é mostrar o que as universidades têm feito para contribuir no enfrentamento à pandemia de covid-19. A pesquisa avaliou 868 ações das universidades públicas federais; 612 das universidades públicas e 396 das instituições federais. Ao todo, são 2.005 iniciativas mapeadas pela pesquisa.

O mapeamento apontou que 44,7% (896) das pesquisas estão sendo realizadas no sudeste, região com mais produções mapeadas. Em seguida vem a região Nordeste (567); Sul (266), Centro-Oeste (142) e Norte (134). O mapeamento identificou, inclusive, o público-alvo das ações. Dentre as 2.005 iniciativas, 64 são direcionadas para gestores e para o poder público; 1.453 para a população e sociedade civil; 353 para profissionais da saúde; 44 para cientistas e pesquisadores; e 55 para a comunidade escolar.



# Conexão com a sociedade: iniciativas que vão além dos *campi*

Com criatividade e ajuda da tecnologia, a universidade conseguiu manter o relacionamento com a comunidade mesmo em meio ao isolamento social

Texto: **Lúgia Vieira**

Fotografia: **Marco Oliveira**

Ilustrações: **Camilla Fernandes**

Design gráfico: **Marina Dalton**





# Em 2020, surgiram **255** novos projetos de extensão

Ao lado do ensino e pesquisa, um dos pilares da universidade pública é a extensão, que se refere a propostas que colocam a universidade em contato com a comunidade ao seu redor. Mas como fazer isso tendo que manter distância e evitar o contato entre as pessoas? A Campus Repórter selecionou três projetos de extensão da Universidade de Brasília (UnB) para contar como superaram os obstáculos desde março deste ano, quando foi decretada a pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Mesmo diante da nova realidade, foram poucas as ações de extensão que tiveram as atividades suspensas na UnB. Ao mesmo tempo surgiram 255 novos projetos, em 2020, de acordo com a Secretaria de Comunicação. Além de impulsionar diversas iniciativas relacionadas ao novo coronavírus, por meio do Comitê de Pesquisa, Inovação e Extensão de Combate à Covid-19, a situação também obrigou muitos dos projetos em funcionamento a se reinventarem.

Um exemplo é o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Atividade Física para Idosos (Gepafi) que há 23 anos mantém encontros presenciais no Centro Olímpico da UnB com aulas de pilates e musculação para a terceira idade.

O grupo ficou dois meses sem poder se encontrar, então, deu início a aulas via aplicativo de videochamada.

Os Semeadores de investigação: educação, transformação e alegria na prática docente ou, como preferem ser chamados, Semillero Brasil, também não pararam. O projeto da Faculdade de Educação, que propõe reflexão sobre o ensino em várias direções, usou as redes sociais para pedir donativos que foram entregues a famílias das comunidades vinculadas à iniciativa de extensão e publicou um e-book para auxiliar no aprendizado das crianças que tiveram de permanecer em suas residências.

Já o Biogama/FUP – Reciclagem de Óleo Residual a partir da Coleta Seletiva na Comunidade de Planaltina (DF), projeto da Faculdade de Planaltina (FUP), focou os esforços na pesquisa, considerando que o contato direto seria arriscado para os extensionistas e os moradores do local. O objetivo dessa iniciativa é conscientizar a população a descartar de forma correta o óleo de cozinha e reutilizá-lo, produzindo velas e sabão a partir de materiais encontrados em casa.

Experiências como essas, na visão da decana de extensão da UnB, Olgamir Amancia,

são uma oportunidade de colocar em prática o que se aprende em sala de aula. Além disso, ela confirma o crescimento de iniciativas dessa natureza, nas mais diferentes áreas, principalmente em Ciências Exatas. “Hoje, observa-se que todos os *campi* da UnB têm projetos do tipo”, constata.

“Na pandemia, algumas atividades foram suspensas porque exigiam presença física para serem realizadas. O DEX emitiu orientações para que todos os projetos que tivessem condições, adequassem suas atividades. Num primeiro momento, deveriam focar na parte mais teórica. Depois, se pudessem, incluíssem ações por meios virtuais”, comentou a decana.

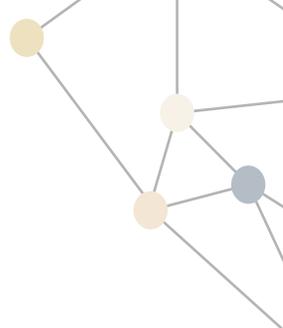
As iniciativas de extensão qualificam os estudantes: “Primeiro, verifica-se o protagonismo nessas ações, porque os alunos ajudam a pensar como vai ser produzido e implementado o projeto. Em seguida, por envolver a comunidade externa, o estudante tem contato com a realidade local. Ele leva o conhecimento aprendido na universidade, mas, no contato com a população, que também produz conhecimento, dá novos sentidos ao que aprendeu na teoria. E terceiro, porque a extensão articula-se com o ensino e a pesquisa”, afirma Amancia.

## **Não pode parar**

O Gepafi é um projeto da Faculdade de Educação Física (FEF) com atividades de fortalecimento dos músculos para qualquer interessado com mais de 60 anos de idade, que acabou se tornando um local de fazer amizades, para além do treinamento físico. Por esse motivo, os participantes sentiram a falta do contato com os outros colegas nos dois meses em que as aulas foram suspensas. “Nesse período, os alunos sentiram muita falta uns dos outros, não só dos exercícios físicos. E alguns davam sinais de estarem deprimidos, porque aquele era um momento em que saíam de casa e encontravam os amigos”, relata Marisete Safons, professora da FEF e coordenadora do Gepafi.

Semestralmente, é possível inscrever-se no programa e são aceitos, no máximo, 120 alunos. Mas este ano, tudo está diferente. Os encontros que eram no Centro Olímpico, agora são na internet, via aplicativo Zoom, e 100 pessoas, entre professores formados em Educação Física, estagiários – que são estudantes extensionistas da UnB – e idosos, participam das aulas toda segunda, quarta e sexta-feira, das 8h30 às 9h40.

No início de 2020, o Gepafi conseguiu realizar somente duas aulas presenciais. “Quando os encontros foram suspensos por



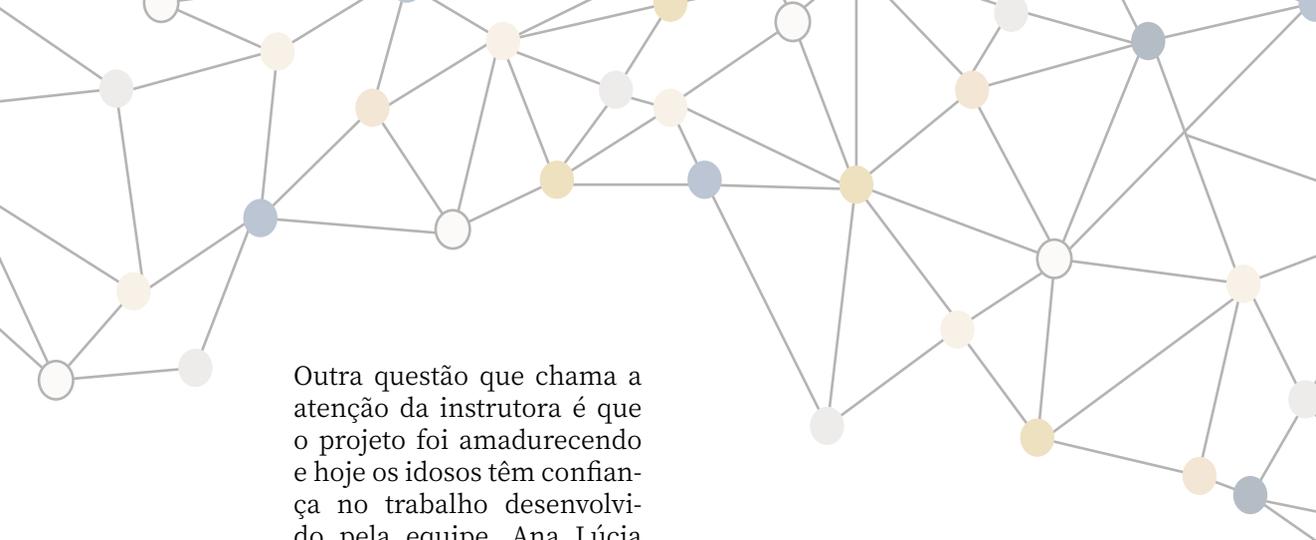
causa da pandemia, ficamos sem atividades constantes. Logo, enviamos alguns vídeos de exercícios para que tentassem fazer em casa. Entretanto, percebemos que os participantes não ficaram motivados. Então, no mês de maio, decidimos nos encontrar via Zoom e, desse modo, constatamos um maior comprometimento”, comenta Safons.

Com a decisão de fazer encontros virtuais, surgiu o primeiro desafio: a barreira da tecnologia. “Tivemos de ensiná-los a utilizar a plataforma e a equipe ficou se perguntando como iríamos corrigir a postura dos alunos sem conseguir tocar neles”, relembra a professora. Porém, o grupo criou métodos próprios para conseguir adequar os movimentos. Os professores e estagiários observam cada um dos participantes durante a aula, e vão anotando o que precisa melhorar. Podem apontar os erros imediatamente ou enviar mensagens individualizadas contendo dicas.

“Quando decidimos retomar os trabalhos de forma online, todos ficaram super animados, pois iam poder se ver e se reencontrar. O retorno foi extremamente gratificante, porque começaram a ter um contato mais ‘pessoal’ com os colegas. Inclusive, abrimos a sala virtual meia hora antes de começar os exercícios, para que possam conversar, pois, quando a aula inicia, acaba a hora da ‘fofoca’”, brinca Marisete Safons.

Por sua vez, Carolina Gonçalves, formada em Educação Física e, há 16 anos, instrutora do Gepafi, resume: “O que mais me encanta são os objetivos pessoais de cada um. Eles não querem ter um bumbum durinho, como quem vai à academia. Querem ficar mais fortes para servir uma jarra de suco para os amigos, carregar os netos ou mesmo ter um condicionamento para conseguir brincar com as crianças. Também ficam mais bonitos e independentes. É lindo ver quando conseguem alcançar suas metas”.





Outra questão que chama a atenção da instrutora é que o projeto foi amadurecendo e hoje os idosos têm confiança no trabalho desenvolvido pela equipe. Ana Lúcia Castro, 65 anos, jornalista aposentada e aluna do Gepafi, concorda com Carolina e afirma que os professores são “duros” e exigentes. “São exercícios de musculação e de pilates, e eles prestam atenção ao nosso movimento e à nossa segurança. Sempre falam qual o músculo tensionar e repetem isso a cada exercício para virar um hábito”, explica.

Ana Castro conheceu o Gepafi porque fazia parte de outro projeto da UnB para idosos, o Universidade do Envelhecer (UniSER). Ela conta que passou anos tentando ingressar nas aulas, mas não conseguia, pois não tinha idade suficiente e nem o tempo necessário para frequentá-las. Está no Gepafi desde 2019 e não perde nenhum dia. O primeiro contato foi numa turma de verão do “Círculo de Equilíbrio”, por dois meses, e ela logo sentiu a diferença no seu cotidiano: “Depois de participar do programa, não caí mais e me senti mais forte. Hoje estou usando um peso

de dois quilos nos exercícios, me cansa e me dói, mas faz toda a diferença, porque carrego meu neto do box à toalha de chão, quando ele sai do banho”.

Ela posou de modelo para o Manual do “Círculo de Equilíbrio”, uma pesquisa desenvolvida para o curso de mestrado por um aluno que participou do Gepafi. “Ser garota propaganda foi muito bom para minha auto-estima, porque tenho fibromialgia, diabetes, pressão alta e problemas cognitivos”, comentou.

Ana sente-se bastante acolhida e não pensa em deixar o projeto. “Quando um idoso vai à academia, não é um espaço em que sempre se sente bem, porque o instrutor tem que repetir várias vezes para a gente entender, tem de ter paciência. No Gepafi, eles incentivam os alunos. Além disso, vemos histórias incríveis. Por exemplo, um dos colegas chegava às aulas, no início de um semestre, com auxílio de um andador e de um cuidador para conseguir atravessar o estacionamento. Aos poucos, foi conseguindo fazer esse trajeto sozinho, sem o andador e, depois, sem o cuidador”.

“Devia ser obrigatório haver um projeto como esse em cada universidade do país, porque o idoso adocece menos com exercícios físicos. Eu queria que todo mundo pudesse fazer. Virou a minha tribo e quem puder eu levo. Há, entre os participantes, pessoas que viajam juntas, fazem jantares com música. As amigas que levei, temos um grupo agora, das Poderosas”, resume a jornalista.

## Pequenos e grandes investigadores

O Semillero Brasil começou há cinco anos, depois que a professora Fátima Vidal, da Faculdade de Educação, teve contato com o Semillero Chileno e o Colombiano. O projeto traz uma proposta de educação inovadora e transformadora. O principal parceiro é a Comunidade de Aprendizagem do Paranoá (CAP), uma escola classe da rede pública com métodos alternativos de ensino para crianças do Ensino Fundamental I.

“O projeto é baseado em círculos interligados de práticas reflexivas sobre o ensino. É uma forma de ressignificação do trabalho dos professores, sem contar que há experiências de intercâmbio pelas quais a gente passa a conhecer a atuação do projeto nos outros países”, explica Vidal, coordenadora da iniciativa.

São quatro eixos de trabalho: as Experiências Interculturais, que é a troca de vivências com os outros países que participam da rede Semillero, como o Uruguai, além dos já citados; as Semillas Encanta-

das, um trabalho pedagógico de investigação com as crianças; as práticas de R-Existências, que são estudos dirigidos, nos quais pesquisadores de fora do projeto são convidados; e o Semeando Cuidado, que surgiu na pandemia e são ações sociais para ajudar as famílias e comunidades dessas crianças que participam do Semillero.

Lívia Martins Guimarães Soares, extensionista e estudante do 7º semestre de Pedagogia, desde o primeiro semestre no curso ingressou na atividade de extensão. “O Semillero é uma rede de apoio e um meio para construir meu jeito de educar, porque comecei a me questionar qual é o tipo de educadora que quero ser e que tipo de aluno eu quero formar como professora”, comenta.

Inscritos no DEX são 19 os participantes do projeto, porém, cada professor parceiro tem 25 alunos, então, no total são pelo menos 600 pessoas diretamente envolvidas no Semillero. Sem incluir pessoas como Gabriel Barbosa Araújo, formado em filosofia pela UnB, que atualmente está à frente do Azul Turquesa, um espaço de contraturno de “exploração do mundo” para crianças. Ele conheceu o Semillero em 2017, à época da formatura, e se identificou com a iniciativa.

O Azul Tutu – nome carinhoso da atividade – apoia as crianças na vivência do espaço público e no desenvolvimento do senso de coletividade. Uma das ferramentas que utiliza é a trilha investigativa pro-

Espaço de convivência da CAP: local “explorado” pelos pequenos investigadores.



# Pelo menos

# 600

## pessoas diretamente envolvidas no Semillero

posta pelo Semillero. “A trilha repensa a prática docente que pode ser apropriada de várias formas e adaptada a cada ambiente. O que é interessante dela é que o mais importante não é o resultado e sim o processo”, afirma Araújo.

A trilha de investigação é uma forma de desenvolver pesquisadores. Por conta da pandemia, um e-book chamado Semillas Encantadas foi publicado nas redes sociais do Semillero Brasil com o passo a passo para realizar investigações com as crianças, a partir de perguntas, e indicar meios de elas obterem as respostas. Apesar de ser voltado para os pequenos, toda a equipe pedagógica da CAP, no Paranoá durante a pandemia, participou de uma oficina para entender a ferramenta.

Uma das participantes foi Natália de Oliveira da Silva, professora de educação ambiental da CAP. “A pesquisa que eu fiz foi ‘Que planta é essa?’. Queria descobrir o nome científico de todas as plantas que eu tenho no meu apartamento. São umas 80 espécies. A minha entrega no final da pesquisa foram desenhos em aquarela com as plantas que tinha em casa e eu mesma fiz as tintas, são tintas naturais”.

Outros fatores positivos que a professora enxerga nessa sugestão é que incita o trabalho em grupo e faz surgir temas diversos. “Essa trilha ativa uma teia, porque você acaba dando pitaco no assunto do outro. Teve

uma pesquisa que surgiu que eu nunca imaginei que um aluno meu ia imaginar: ‘O que é ser livre no Itapoã e Paranoá?’. “Ele fez entrevistas com a comunidade para entender como a população percebe a liberdade no local em que vive”, lembrou.

A pedagoga Patrícia Gomes também participou da oficina e aproveitou o que aprendeu para testar a técnica com sua filha Iasmim, de quatro anos de idade. “Ela chora para ir à escola, mas adora pesquisar. A trilha incentiva a fazer mais perguntas e a gente tem o passo a passo, o que facilita. Ela já sabe que pode procurar na televisão, na internet e perguntar sobre qualquer assunto”.

Iasmim não foi a única “cobaia”. A própria coordenadora do Semillero Brasil aproveitou a pandemia para testar a trilha com seus filhos e obteve um resultado que considerou muito interessante. “Minha filha de 11 anos queria aprender a desenhar. Então foi atrás de tutoriais, conversou com grafiteiros e para encerrar o projeto participou de um concurso para ilustrar o novo livro da J.K. Rowling – *O Ickabog* – e ela conseguiu ser uma das 34 crianças escolhidas para ilustrar a versão brasileira do livro”, comemora Fátima Vidal.

## Transformar e ensinar

Por falar em perguntar, você sabia que um litro de óleo polui até 25 mil litros de água? Esse dado é sempre repetido pelos integrantes do Biogama/FUP para informar que há formas corretas de descarte desse material tão poluente e mostrar que pode se tornar mercadoria. “Quando participamos de eventos, além de ensinar a receita da confecção de sabão e vela, mostramos que o óleo pode ser transformado, comercializado e virar uma fonte de renda para uma família”, explica a coordenadora da ação, professora Priscilla Coppola.

A ideia é tornar o processo de confecção desses produtos mais acessível, tanto a matéria-prima utilizada – que pode ser encontrada facilmente em casa ou em supermercados – quanto na linguagem utilizada para explicar os procedimentos. “Como os cursos da FUP são de licenciatura e voltados para o ensino no campo, ter contato com a comunidade de Planaltina é muito enriquecedor para os estudantes. Eles aprendem, por exemplo, que não é possível chegar numa demonstração e falar que se trata de saponificação, porque o público não vai compreender. Além do que o contato com a comunidade traz uma troca de conhecimentos e são trocas que os alunos levam para toda a vida”, acrescenta.

“Durante a pandemia, tivemos que mudar o foco das atividades do projeto. A gente tem parceria com escolas da região, onde a gente faz demonstrações de como produzir sabão e vela com utensílios de casa, mas essas atividades foram suspensas”, explica Coppola. Por outro lado, os 17 integrantes do projeto estão

produzindo conteúdo para o Instagram e o YouTube, além de estarem focados em leituras, na escrita e publicação de artigos e participação em eventos online.

Karen Afonso, extensionista há dois anos do Biogama/FUP e estudante do 7º semestre de Ciências Naturais, percebe que a iniciativa ajudou a desenvolver algumas habilidades. “Como o meu curso é de licenciatura, no projeto, aprendo a apresentar e transmitir conhecimento, também tem efeitos sobre a minha timidez e me faz pensar em como abordar os assuntos de forma fácil, sem ter que detalhar reações químicas, por exemplo, para todos entenderem”.

Um dos motivos que fez com que a graduanda quisesse participar da atividade de extensão foi o seu próprio convívio com a técnica. “Minha avó sempre fazia sabão a partir de óleo. Ela usava um *balcão*, ficava mexendo aquela mistura. Eu achava perigoso, porque exalava um cheiro forte e era necessário muito cuidado quando alguém passava perto, por causa do fogo. Porém, sempre despertou minha curiosidade. Agora, entendo o quão importante é esse processo e como é possível proceder de uma forma não tão agressiva, como a minha avó fazia”.





Karen Afonso,  
extensionista do  
Biogama/FUP

## Experiência positiva

Os projetos de extensão conseguiram adaptar-se com criatividade e de modo a não expor ninguém a riscos. A extensionista do Semillero Brasil Lívia Soares é testemunha dessa situação. Ela conseguiu participar das ações propostas pelo projeto desde o início da pandemia e afirma que “foi a melhor coisa que aconteceu nesse período”.

Já Carolina Gonçalves, instrutora do Gepafi, considera que os encontros virtuais foram muito bem aceitos pelos integrantes que se adaptaram a essa nova forma de se exercitar e encontrar os colegas virtualmente. “Com o novo formato, inclusive, muitos alunos não querem mais voltar ao modo presencial, porque evitam os deslocamentos”.

As atividades online também funcionaram para os integrantes do Biogama/FUP que produziram bastante. “Escrevemos um capítulo para um livro e submetemos três artigos para publicação nesse período”, comemora Priscilla Coppola. São muitas as opções, mas, o rumo que cada projeto irá tomar após a pandemia ainda terá de esperar.

# Imagens em tempos de pandemia

Nesta seleção de fotos apresento um pouco do que tenho percebido em minhas caminhadas nesses tempos de pandemia. São imagens capturadas por celular (Iphone 8-plus), muitas delas tratadas no Instagram. Por meio da fotografia tenho feito da caminhada um método poético. Vagar por aí, fotografando Brasília, é descobrir seus espaços vazios, terrenos baldios, ruínas, um cerrado ainda intocado. Caminhar por esses espaços de destinação indefinida traduz uma experiência política do olhar.

**Elyeser Szturm**

















# Pretas que trampam

As afroempreendedoras foram afetadas diretamente durante a pandemia por perdas de emprego e renda. Porém, em uma comunidade ligada à UnB se destacam exemplos de mulheres que criaram ou recriaram seus negócios com sucesso

Texto: **Luiz Oliveira**

Fotos: **George Lucas**

Design gráfico: **Beatriz Socha**

← Queren dos Santos, sócia do Studio Afro Pixain.

Foto: George Lucas

Nara Mello, 21 anos, é estudante de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, de família humilde que vive em Taguatinga, região administrativa do Distrito Federal. E desde o começo do curso, em 2018, teve que buscar uma fonte de renda para garantir o seu sustento e alcançar o sonho de concluir o ensino superior. Virou empreendedora. Tudo corria bem, até que a pandemia, no início de 2020, a obrigou a se reinventar e mudar de rota para continuar com seu trabalho.

Nara não esteve só. Nara, Gabriela, Quezia e Tatiana têm em comum o fato de serem, mulheres, negras e empreendedoras. São exemplos de persistência e reinvenção diante de desafios como o preconceito, o desemprego e a pandemia Covid-19. Você vai conhecer as histórias de empreendedorismo em meio a adversidades, porém cercadas de apoio que por vezes vem da família, outras vezes vem dos amigos e até mesmo dos colegas da universidade.

### **Pesquisa mostra vulnerabilidade negra**

A pandemia de coronavírus atingiu em cheio as mulheres negras empreendedoras, o segmento mais afetado pela Covid-19, segundo pesquisa feita pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), em parceria com a Fundação Getúlio Vargas. Os dados indicam que 36% das empreendedoras negras tiveram a atividade interrompida temporariamente, proporção que cai para 29% entre as empresárias brancas e 24% entre os homens brancos. Entre os homens negros, essa proporção é de 30%.

E por que as mulheres negras foram as mais afetadas pela pandemia? Uma das explicações é que 27% delas operam seus negócios de forma presencial, em contato direto com os clientes, diz a pesquisa. No caso das mulheres brancas o percentual é de 21%. A dificuldade para se obter algum tipo de crédito ou ajuda financeira é outro fator que dificulta a vida das afroempreendedoras. A pesquisa indica que 58% das que tentaram

não conseguiram os recursos, sobretudo, por estarem com o CPF negativados (25% entre as entrevistadas) e terem dívidas em atraso, caso de 48%. Muitas vezes, os dois problemas ao mesmo tempo.

Em virtude do cenário adverso, muitas afroempreendedoras, como as citadas adiante, buscaram formas de reverter a situação. Para Renata Malheiros, coordenadora de empreendedorismo feminino do Sebrae, um dos caminhos é investir na tecnologia. “A pandemia acelerou um processo que já vinha sendo estabelecido há bastante tempo, que é a necessidade de transformar os negócios por meio de plataformas digitais. “E, sem dúvida, os afroempreendedores seguem nesta direção”, afirma.

### **A persistência por meio da comida**

Quando ingressou na UnB, Nara Mello sabia que, para prosseguir, antes de mais nada, precisaria ter uma renda própria, já que sua família não poderia ajudar. Começou a se movimentar para encontrar uma solução, pois desistir não estava em seus planos. Depois de uma conversa com um amigo surgiu a ideia de montar um negócio dentro do espaço físico do Departamento de Artes Cênicas.

Nara conseguiu um dinheiro emprestado com a mãe, começou a fazer e vender cuscuz. Ela conta que no início o produto não era lá dos melhores e havia poucas opções de sabores. Ela buscou inovar, aperfeiçoar e logo recebeu apoio de colegas que a incentivaram a levar adiante suas habilidades com o cuscuz, prato típico de algumas regiões brasileiras, feito basicamente com farinha ou fubá de milho. “Começaram a me elogiar, principalmente quando não tinha uma lanchonete aberta”, lembra Nara.

Ela explica que, no início, tinha muito medo de vender fora do departamento de Cênicas, mas criou coragem e começou a vender por toda a UnB. Estava sempre a postos de segunda a quinta-feira, encontrando novas pessoas que a estimulavam a melhorar ainda mais. “O cuscuz da Nah foi ficando tão famo-



O apoio entre as irmãs Queren e Quezia é o principal ingrediente para o sucesso do Studio Afro Pixain.



“Para mim ser uma afroempreendedora é saber que não nascemos com o botão de desistir, não temos escolha, ou é o nosso melhor, ou nunca iremos desfrutar do que é da gente por direito”.  
Quezia dos Santos

so, que as pessoas começaram a postar no Twitter sobre meu cuscuz, me procuraram e até me ligaram atrás do prato”, diz orgulhosa.

Com o tempo foi investindo em se profissionalizar. Comprou uma máquina de passar cartão de crédito e débito, mandou fazer os cartões do cuscuz e aventais, para “ficar profissional”. Ao final, “eu me apaixonei definitivamente pelo meu trabalho”, assegura. A rotina não era fácil. Nara cozinhava de manhã, vendia à tarde e assistia às aulas na parte da noite. Era corrido, mas eu era “bastante feliz trabalhando ali dentro”.

Com a pandemia de coronavírus, a estudante e empreendedora se viu completamente assustada, pois perdeu o principal local de vendas. Ficou desanimada, sem saber o que fazer, mas teve o que, sabe hoje, foi uma “grande ideia”, começou a trabalhar pela internet, especialmente pelo Instagram, e fazer entregas delivery. As vendas ainda não são como antes da pandemia, quando chegava a vender em média 100 cuscuz por semana, mas tem conseguido encontrar novos clientes. E o futuro? “Para ser uma mulher negra empreendedora é preciso, antes de mais nada, acreditar em seu próprio potencial”, diz Nara. “Nós estamos sempre ultrapassando os limites impostos pela sociedade. A gente persiste e resiste com muita fé e determinação”.

## **O resgate a beleza natural**

A professora Gabriella Mendes, 23 anos, trabalha como professora substituta na rede pública de ensino do Distrito Federal. Assim como Nara, faz parte do grupo de mulheres negras que compreendem a importância das redes sociais para o seu negócio. Ela é a dona Afrogaia Cosméticos, loja especializada em produtos naturais como hidratantes, sabonetes, tônicos faciais, entre outros. O principal propósito é reconectar o corpo com a natureza, incentivando para que as pessoas cultivem a beleza natural.

Todos os itens são veganos e feitos à mão pela própria Gabriella no quintal de sua casa.

Gabriella resolveu abrir o negócio após vivenciar diversas situações de racismo em antigos trabalhos. Em 2017, quando ainda era estudante da Universidade de Brasília (UnB), transformou o que antes era um passatempo em uma forma de renda. “Comecei vendendo para as minhas amigas em uma quantidade muito menor do que faço hoje, não tinha muitas ambições”, explica. Hoje o principal meio de vendas da Afrogaia Cosméticos é o Instagram. O início na rede ocorreu em 2018, ao perceber a importância dessas plataformas para impulsionar o negócio. O perfil já conta com cerca de 5.500 seguidores, número que só aumentou com o passar dos anos.

Assim como a grande maioria das mulheres negras, Gabriella também enfrentou diversas dificuldades ao decidir que seria dona do próprio negócio, desde falta de recursos para investir na marca a questões logísticas. Por isso alerta para tentativas de glamourização do empreendedorismo. “A população negra tem sido obrigada a criar maneiras de ganhar dinheiro fora do mercado formal. Hoje em dia tem se romantizado a situação da grande massa de trabalhadores negros que estão na informalidade por conta da alta taxa de desemprego”, afirma.

Gabriella tem, além da Afrogaia, um emprego como professora de sociologia no Centro Educacional 06, localizado na Ceilândia Sul. Acredita que, por ter duas atividades distintas, foi afetada muito mais na pandemia. Pensou até em desistir da loja de cosméticos, mas encontrou apoio para que não precisasse abdicar de algo tão importante em sua vida. Achou que a empresa iria parar, mas Gabriela foi incentivada pela loja colaborativa Espaço Markant, um local físico coletivo, em que os empresários de pequenos negócios comercializam diretamente os seus produtos e serviços

**“Para ser uma mulher negra empreendedora é preciso, antes de mais nada, acreditar em seu próprio potencial”**



1



2



3

com as vantagens de uma loja física, sem terem que investir recursos em um ponto comercial próprio. “Eles logo se adequaram à forma de vender durante a quarentena. Ao final, não tive problemas financeiros com a empresa”, revela.

Apesar de se identificar como mais uma mulher negra que abriu o próprio negócio por necessidade e falta de oportunidades no mercado formal de trabalho, Gabriela acredita que está fazendo parte de algo muito maior. “Estou fazendo a diferença por estar empreendendo em um ramo bastante elitista e branco. Demarcando um espaço tão pouco ocupado por outras mulheres negras, me tornando uma referência na cosmetologia natural. Até porque esse é um conhecimento que sempre foi nosso”, afirma.

### O afeto entre irmãs

O apoio entre duas irmãs é o principal motivo para a existência do Studio Afro Nega do Pixain, salão especializado em cabelos afros, na Ceilândia Norte, uma das regiões administrativas do Distrito Federal. Quezia Costas dos Santos, 28 anos, conta que tudo começou porque sua irmã Queren estava passando por um processo de transição capilar, há sete anos, e ela decidiu aprender a fazer a aplicação. “Acompanhei os canais de norte-americanas que faziam tranças, me dediquei ao máximo para aprender, fiquei praticamente 16 horas trançando o cabelo dela. o resultado foi incrível”, conta.

Quezia explica que, em 2016, decidiu abrir um pequeno salão apenas para ajudar nas despesas em casa, pois na época o marido tinha sofrido semi amputação no dedo e depois quebrou o braço em dois lugares. Juntou tudo o que tinha e alugou um espaço pequeno na Ceilândia, que tinha apenas uma cadeira e um espelho. “Minha

irmã viu o que eu tinha feito e decidiu largar seu emprego de carteira assinada. Ensinei tudo o que sabia para ela e hoje estamos em um lugar que nunca pensamos estar”, conta.

Hoje o negócio é gerido por três mulheres negras: Quezia, a irmã Queren e a mãe Selma dos Santos. Elas se aperfeiçoaram em diversas técnicas, principalmente quando se trata do uso das redes sociais que considera de extrema importância. As dificuldades surgiram nos dois primeiros anos em decorrência da falta de dinheiro para pagar os empréstimos que haviam feito. “Estava sem dinheiro, pensei em desistir, mas não podia por causa das nossas clientes”, relata.

Durante a pandemia, o salão continuou funcionando com todos os cuidados e clientes reduzidos, isso em função do tipo de atendimento oferecido. “O intuito era atender por horário marcado para cada cliente ter um serviço exclusivo. Por isso, quando veio a covid-19, já estávamos preparadas”, explica.

Quezia sintetiza o que é ser uma mulher negra e dona do próprio negócio: “Para mim ser uma afroempreendedora é saber que não nascemos com o botão de desistir, não temos escolha, ou é o nosso melhor, ou nunca iremos desfrutar do que é da gente por direito”.

### O bordado como salvação

Qual a melhor forma de lidar com a pandemia de Covid-19? A pergunta não é fácil de responder, pois não há resposta certa. Cada um tem encontrado maneiras de lidar com algo tão inesperado. A estudante do décimo segundo semestre de Engenharia Química da Universidade de Brasília (UnB), Tatiane Gomes Sousa, 24 anos, encontrou no bordado a salvação para as inquietudes trazidas pela quarentena. “Não estava muito bem,



1. Sabonetes Afrogaia.  
Foto: Rodolfo Santos
2. Os bordados foram a salvação de Tatiane Gomes.  
Foto: Leonardo Perrone
3. Sabonetes feitos à mão por Gabriela Mendes.  
Foto: Liz Salomão
4. Produtos da Afrogaia promovem o resgate a beleza natural.  
Foto: Karen Vellasco

4

pois não sabia o que ia acontecer em relação às aulas na UnB. O bordado veio como válvula de escape; uma autodescoberta”, reflete.

É neste contexto que surge, em maio, Os Bordados da Tati, loja virtual direcionada para os apaixonados em bordados exclusivos.

Tatiane conta que uma das principais referências para o universo do empreendedorismo veio da própria família, no entanto foi ao entrar no projeto Afroatitudes do Centro de Convivência Negra (CCN), da UnB, que começou a enxergar a área como uma possibilidade a seguir. “O programa estava com uma pegada afroempreendedora, por isso comecei a me ver como parte disso”. A identificação foi tão grande que ela chegou a propor a mesa de discussões “Empreendedorismo Negro na UnB”, atividade que ocorreu durante a semana universitária, que neste ano ocorreu de forma online nos dias 21 a 25 de setembro.

Tudo o que Tatiane aprendeu relacionado às técnicas de bordado livre foi por meio da internet, tendo como principal referência a influencer Laura Cavalcanti. Tatiane revela que foi com o apoio das amigas que criou o perfil no Instagram para compartilhar o seu trabalho. Desde então tem encontrado cada vez mais apoio e reconhecimento, no entanto não foge das estatísticas de mulheres negras que encontram diversas dificuldades ao ter o próprio negócio.

Um dos principais desafios vivido por Tatiane é conseguir conciliar todas as demandas da universidade com o trabalho. “A rotina é super cansativa, principalmente no final de semestre, tive que recusar várias encomendas para poder dar conta das atividades”, conta.

Além da sobrecarga física e emocional, Tatiane lida com o medo de contaminação por Covid-19 que a impede de andar no transporte público. Essa questão tornou-se um

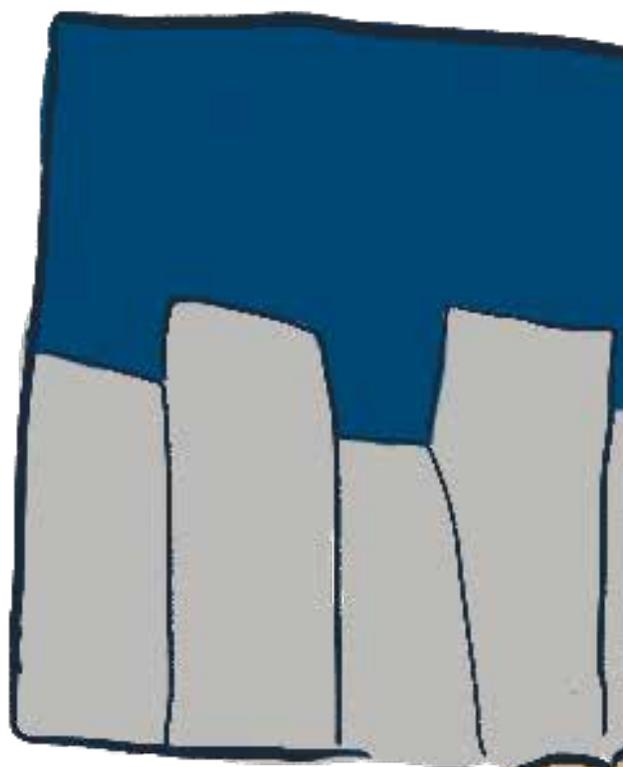
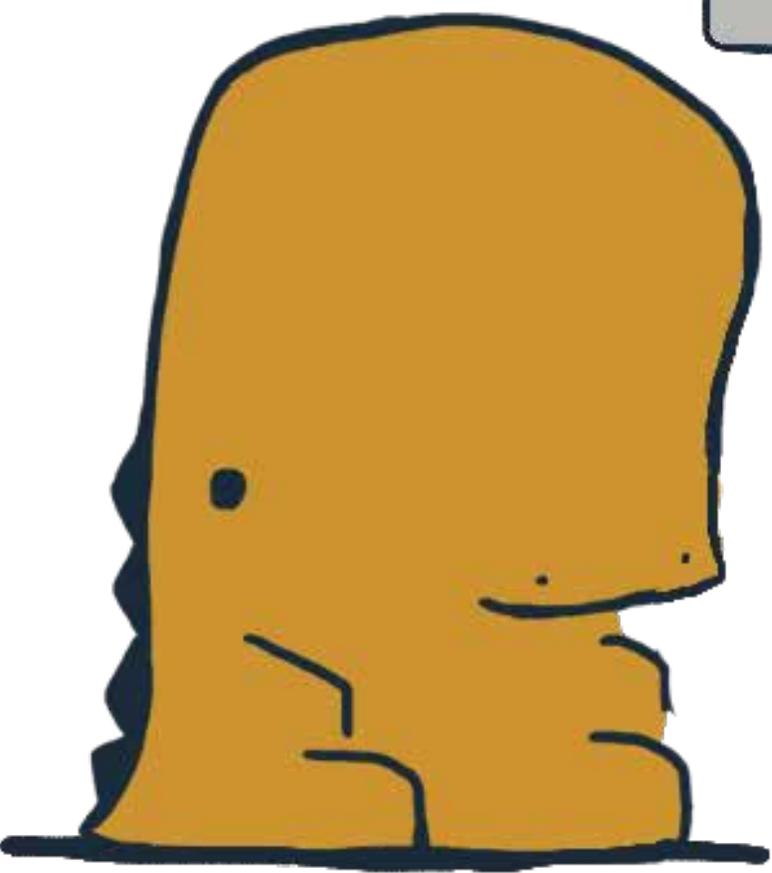
empecilho, pois ela não pode pesquisar para encontrar os melhores preços dos materiais que utiliza para as confecções dos bordados.

Porém, Tatiane tem encontrado maneiras de reverter a situação, por isso planeja ampliar a marca durante o período de férias da faculdade. “A procura tem aumentado cada vez mais, quero aprimorar ainda mais para conseguir dar conta de todas as demandas da loja”. Por fim, acredita que “empreender tem sido um ato de ousadia”.

O Centro de Convivência Negra, local em que Tatiane e tantos outros estudantes pretos encontram acolhimento dentro da universidade, é coordenado, desde 2017, por Manoel Barbosa Neres, de 56 anos. O coordenador conta que o empreendedorismo negro é algo muito novo na UnB até no que diz respeito ao uso do termo. Por isso, quando algum estudante demonstra interesse pelo assunto, irá enfrentar alguns desafios: “O primeiro é conciliar isso com as atividades acadêmicas. O segundo é a falta de suporte técnico, financeiro, logístico e alternativas de contato com clientes”, evidencia. Algo que pode ser notado nas histórias de Naara e Tatiane.

Contudo, Manoel ressalta a importância do CCN ao apoiar os alunos que decidem seguir por este caminho. “Estimulamos o afroempreendedorismo por meio da criação de grupos colaborativos, criação de cursos através de parcerias, realização de eventos, estímulos à participação, assim como incentivo à integração de programas de incubadoras”.

Por fim, Manoel acredita que os desafios que as alunas negras empreendedoras lidam no dia a dia “precisam ser enfrentados no momento, mas também um chamado a um maior comprometimento institucional, à criatividade empreendedora e à inovação em geral”.



# A pandemia da solidão

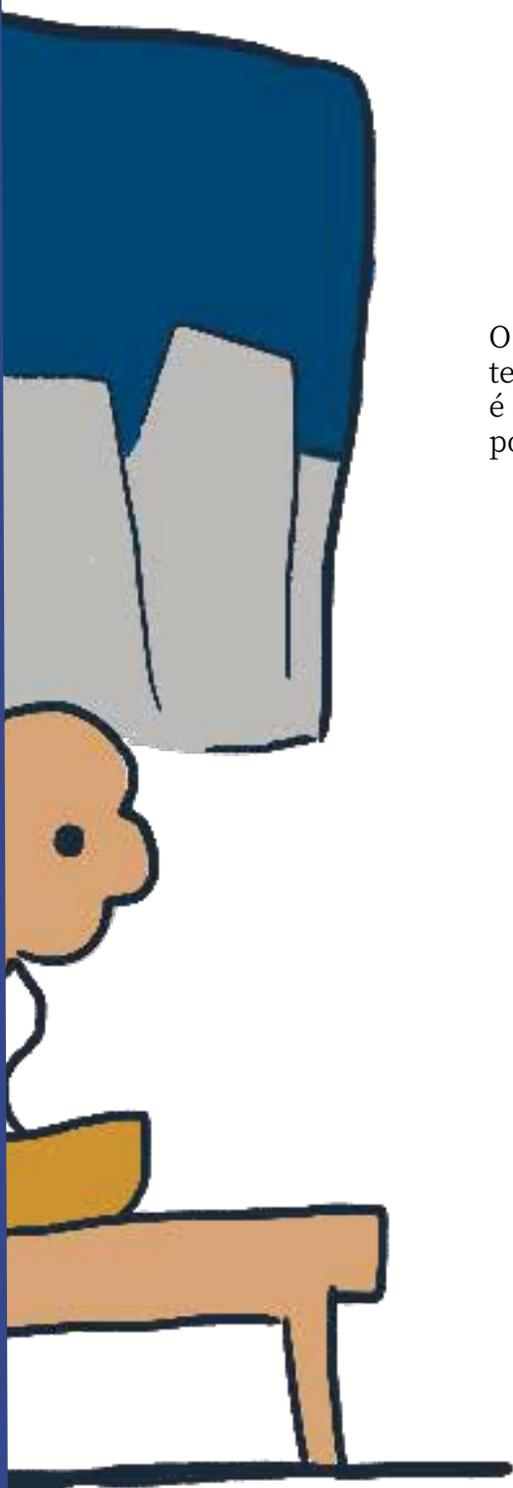
O estar ou se sentir desacompanhado, como aconteceu com muitas pessoas nos últimos meses, não é apenas uma situação negativa, mas também uma possibilidade de crescimento pessoal

Reportagem: **Andreia Morais**

Fotografia: **Isabela Castilho**

Ilustrações: **Ana Laura Pinheiro**

Design gráfico: **Wanessa Alves**



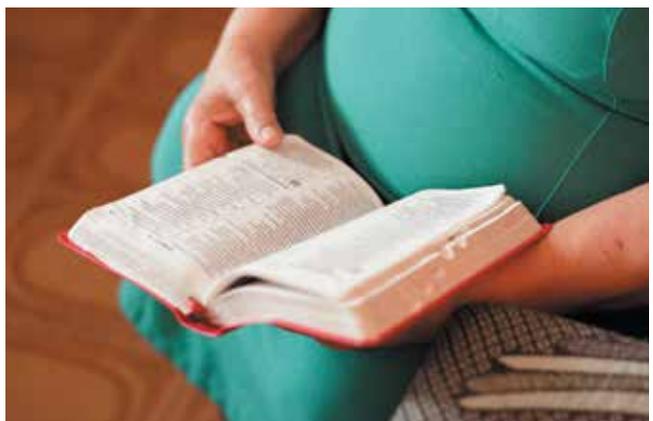
Até o dia 15 de março de 2020, a rotina da dona de casa Divinair dos Santos, ou dona Divinéia, como é conhecida, de 67 anos, tinha uma programação tácita. De segunda a sexta, ela acordava cedo todos os dias, auxiliava o filho caçula a se arrumar para o trabalho, lia a Bíblia e ia tomar um cafezinho com uma de suas amigas. Aos sábados, dona Divinéia recebia toda a família para um almoço e todos os domingos ia para a igreja que frequenta no setor P Norte em Ceilândia (DF). No local, gostava das músicas, das preleções do pastor e, além disso, encontrava pessoas que, como ela, têm apetite em aprender sobre as escrituras.

A vida de dona Divinéia, até então pacata e programada, começou a sair da normalidade no final de semana dos dias 14 e 15 de março deste ano, quando ela viu na televisão a explicação do decreto nº 40.520, assinado pelo governador Ibaneis Rocha, do Distrito Federal, que estabelecia as medidas emergenciais para enfrentamento da crise na saúde pública, decorrente do novo coronavírus. “Até essa época, eu tinha certo comando da minha vida, a partir daí foi tudo ficando diferente e cada vez eu fui ficando mais sozinha”, relata a idosa. Assim como para dona Divinéia, em 2020, uma nova solidão chegou e se incorporou — mesmo contra a vontade pessoal de muitos — na vida de uma grande parcela da população do mundo e do Brasil, por conta da pandemia, que exigiu o isolamento, afastando muita gente de amigos e entes queridos.

O conceito do termo solidão no dicionário oferece uma espécie de spoiler do que aconteceu na vida de dona Divinéia e no mundo pós-pandemia: estado de quem se acha ou se sente desacompanhado ou só; isolamento. E é essa última característica que marcou e tem marcado os últimos oito meses que o país vive em função da pandemia. Idosos, adultos, jovens e crianças estão todos vivenciando esse momento. Mas esse não é um fenômeno novo.



Dona Divinéia explica como a pandemia gerou uma mudança de rotina em sua vida.



A Bíblia nas mãos de Divinéia foi presente de sua filha. Apesar de respeitar o distanciamento so



Os portões da casa de dona Divinéia passaram a representar a segurança em mais de um sentido, não apenas contra ladrões, mas contra um inimigo invisível: a Covid-19.

O poeta português Fernando Pessoa (1888-1935) falou sobre o sentimento de se sentir só no início do século passado. “Jamais houve alma mais amante ou terna do que a minha. [...] Contudo, nenhuma alma há tão solitária como a minha — solitária, note-se, não mercê de circunstâncias exteriores, mas sim de circunstâncias interiores”, escreveu em 1908. Essa solidão citada pelo poeta não foi forçada pela conjuntura, como no caso do isolamento imposto pela Covid-19, e sim proveniente de seu contexto interno, como relatou no poema.

Segundo o psicólogo e especialista em Hipnoterapia Ericksoniana e Programação Neurolinguística Allan Tavares, de Brasília, o isolamento interferiu nos sentimentos e emoções das pessoas, de modo diverso. “Algumas pessoas com hábitos comportamentais sociais-expansivos puderam experimentar a necessidade de se conectar consigo mesmas e isso as levou a estados de ansiedade e tristeza (pelo que foi perdido); algumas pessoas foram forçadas a conviver mais com seus familiares e isso trouxe a necessidade do saber ouvir e se colocar no lugar do outro. Outras pessoas mais introspectivas puderam viver emoções mais tranquilas e relatam até desenvolvimento pessoal e espiritual maior e mais intenso”, explica o especialista.

*“A pandemia me fez ver que tudo pode esperar, menos a vida. Nenhum plano é mais importante que valorizar as pessoas que te amam enquanto elas estão do seu lado, para que não haja arrependimentos quando elas se forem”.*

Embora seja casada, a engenheira civil Gabriela Oliveira, 25 anos, moradora de Leme (SP), passou a maior parte do período da pandemia só, pois o marido trabalha em outra cidade e ficava hospedado no local durante todos os dias úteis da semana. Ela aproveitou o tempo que passou sozinha para entrar em contato com sentimentos, reflexões, planos e esperanças. “Refleti sobre a vida e sobre o que realmente deve ser priorizado, como a família e a saúde mental. A pandemia me fez ver que tudo pode esperar, menos a vida. Nenhum plano é mais importante que valorizar as pessoas que te amam enquanto elas estão do seu lado, para que não haja arrependimentos quando elas se forem. Creio que lidei bem com essas reflexões, quando vinha um sentimento mais pesado, eu chorava mesmo, para me aliviar, e então seguia com minha rotina”, relatou.

*“A experiência do isolamento tem feito com que eu não consiga evitar meus próprios pensamentos, ou seja, minhas ansiedades, meus medos e minhas esperanças têm se tornado mais evidentes para mim”.*

Para o estudante de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB), Marvin Pires, de 24 anos, o momento também foi de reflexão. “A experiência do isolamento tem feito com que eu não consiga evitar meus próprios pensamentos, ou seja, minhas ansiedades, meus medos e minhas esperanças têm se tornado mais evidentes para mim”, destacou. Muitas vezes, o sentimento de frustração foi recorrente para o jovem.

A própria situação do país volta e meia era um motivo de preocupação. “As circunstâncias atuais no Brasil não inspiram muita confiança, especialmente para a população jovem que terá que adentrar no mercado de trabalho lidando com as consequências econômicas e sociais decorrentes da incompetência governamental diante desta crise de saúde pública”. Para lidar com esses sentimentos, o jovem recorreu ao tempo presente. “Para mim, a melhor forma de lidar com isso tem sido focar no presente, um dia de cada vez”, destacou.

Sociólogo e psicanalista de Brasília, Roni Ribeiro explica que o isolamento imposto durante esse ano interferiu nos sentimentos e nas emoções das pessoas, deixando-as ameaçadas e privadas. “Elas se sentiram acuadas pela possibilidade da morte e também foram privadas do gregarismo, impulso de estar com outros”, explica. Neste contexto, é importante ressaltar que o ser humano é um ser gregário. A palavra gregarismo vem de “gregário” mais o sufixo “ismo”, ou seja, explica a tendência de indivíduos da mesma espécie para se reunirem e viverem em grupo.

No caso dos seres humanos, a falta de atributos físicos naturais forçou a espécie a se juntar aos seus pares a fim de sobreviver. O que, em um primeiro momento, era uma necessidade, com o tempo se tornou uma habilidade e o homem, de uma maneira geral, aprendeu a ser mais eficiente e feliz trabalhando e vivendo em grupos.

“A companhia gentil, respeitosa é, em si, uma forma de se vivenciar a presença de uma testemunha da própria existência, fortalecendo a sensação de existir. Além disso, essa companhia pode gerar a sensação de autovvalor, pois alguém dedica seu tempo a outra pessoa e a pessoa acompanhada se sente percebida e notada”, explica Roni Ribeiro. O estudante Marvin, da UnB, fez uma lista do que mais sentiu falta durante o período e em todos os itens enumerados a interação social se fez presente. “Festas, confraternizações em bares e restaurantes, a educação presencial e viajar. Porque são situações nas quais há mais diversidade no dia a dia, mais coisas para se ver, pessoas para interagir, sabores novos para provar”, enumerou o estudante.

## **Sozinho, mesmo acompanhado**

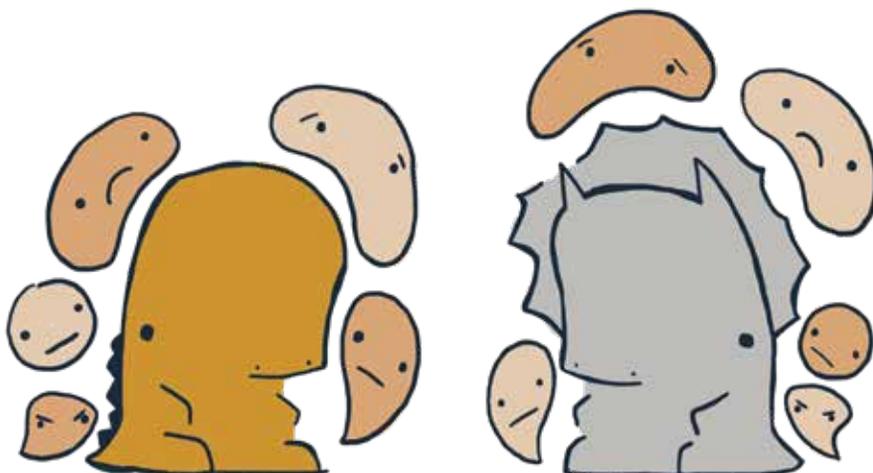
Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgados em junho deste ano, apontam que 11,7 milhões de brasileiros viviam sozinhos em 2019, o que correspondia a 16,2% dos lares. É um número significativo de pessoas que vivem só. No entanto, isso nem sempre quer dizer solidão, porque pode ser uma opção de vida.

Não se pode também deixar de lembrar da solidão de quem está morando em outro país ou cidade, por exemplo, ou tem dificuldade de relacionamento com outras pessoas, ou mesmo as que tinham uma vida social ativa até o isolamento social ser instaurado. Este foi o caso do professor de sociologia da rede pública Gabriel Ferreira\*, 26 anos, morador de Sobradinho (DF). O jovem, que vivia sozinho há três anos, chamou, no início de 2020, o irmão mais novo para morar com ele e terminar o ensino médio em Brasília. Os irmãos, que são da cidade de Catalão (GO), que fica a pouco mais de 350 quilômetros de Brasília, foram pegos de surpresa com o início da pandemia. “De um dia para o outro, nos vimos trancados dentro de um apartamento de dois quartos e um banheiro”, relata.

A vida, até então ativa, do professor mudou da noite para o dia. “Nunca fui muito de ficar em casa. Eu sempre fui muito ativo. Desde os 14 anos, eu estudo, trabalho e faço atividade física. Isso sempre significou sair muito cedo de casa e chegar muito tarde”, comenta. “O isolamento me colocou numa situação muito nova, que é ficar dentro do mesmo ambiente o tempo todo e fazer diferentes coisas no mesmo ambiente”. A dinâmica do relacionamento dos irmãos também sofreu mudança. “Estávamos morando juntos há apenas um mês e, até então, estávamos em harmonia, porque eu trabalhava à tarde, ele estudava de manhã, tínhamos cada um o seu tempo de solidão e nos encontramos somente à noite”. Mas o isolamento mudou a conjuntura família. Gabriel\*, que se sentia responsável pelo bem-estar do irmão, viu que ele não era alguém que precisava de seus cuidados. “Ele era mais independente do que eu achei que deveria ser, porque apesar de estar na iminência dos 18 anos, na minha cabeça ele ainda era a criança com quem eu convivi anos atrás”. Gabriel encarou o fato de que não precisava se preocupar com o caçula, mas o sentimento que surgiu, mesmo acompanhado do irmão, foi o de isolamento e já não se sentia à vontade na sua própria casa.

O isolamento em família muitas vezes não é um apaziguador de solidão. Gabriel relatou que é de seu costume sair de situações sempre que não se sente à vontade, mas esse caso foi diferente: “Eu não podia mais reproduzir o meu padrão. Porque em outras situações eu sabia o que fazer, juntava minhas coisas e ia embora. Só que, nesse caso, eu estava em casa. Não tinha para onde ir. Ele que teria que ir”, explicou.

Com ajuda da mãe, o professor convenceu o irmão a passar o restante da pandemia em Catalão, cidade onde morava antes, o isolamento era mais flexível e a casa em que ficaria era maior. “Eu o enchi de argumentos que aquilo era melhor para ele, mas, no fundo, eu queria a minha conquistada e suada solidão de volta”, relata.



A solidão acompanhada como a que Gabriel experienciou é tão parte da experiência humana, que a literatura trouxe um livro inteiro como exemplo de como é possível estar só mesmo que estejamos acompanhados. No épico livro *Cem anos de solidão* (1967), Gabriel García Márquez narra um século da história da fictícia cidade de Macondo por meio do percurso da família Buendía ao longo de sete gerações. Uma das particularidades da obra é a de que todos os personagens do romance enfrentam a solidão, não apenas pelo isolamento da cidade de Macondo, mas também pela maneira como o passar do tempo é assimilado pela família Buendía. Um exemplo é o da personagem Amaranta, que, tendo “chegado à velhice com todas as suas nostalgias vivas”, como diz o livro, morre solteira, lembrando amores que ela rejeitou durante a vida. Meme, outra personagem da quarta geração da família Buendía, é outra personagem que enfrenta uma vida solitária, conforme descrito no livro. “Estava tão segura de si mesma, tão aferrada à sua solidão, que Aureliano Segundo teve a impressão que já não existia mais nenhum vínculo entre eles”.

Um outro fator a ser pontuado é que muitos conflitos foram vivenciados na pandemia, inclusive um aumento da violência doméstica. Segundo dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMDH), em abril, quando o isolamento social imposto pela pandemia já durava mais de um mês, a quantidade de denúncias de violência contra a mulher recebidas por meio do canal 180 deu um salto: cresceu quase 40% em relação ao mesmo mês de 2019. O assunto foi tão comentado que, no mês de julho, entrou em vigor a lei que assegura o pleno funcionamento, durante a pandemia de Covid-19, de órgãos de atendimento a mulheres, crianças, adolescentes, pessoas idosas e cidadãos com deficiência vítimas de violência doméstica ou familiar. O texto, publicado no Diário Oficial da União, Lei 14.022/20, foi sancionado sem vetos pelo presidente Jair Bolsonaro. “O aumento da violência doméstica durante este período de pandemia tem nos preocupado e nos provocado a pensar em medidas para garantir a proteção da mulher, em relação à doença e à violência que ocorre dentro de casa”, destacou na época a deputada Natália Bonavides (PT-RN), uma das autoras do projeto.

Mas a convivência com outras pessoas, entretanto, pode também amenizar sentimentos tidos socialmente como negativos como: desamparo, baixa autoestima, entre outros. O psicólogo Allan Tavares ressalta que a convivência com outras pessoas, além de estimular a fala e a troca de experiências e sensações, pode também gerar mais sentimento de acolhimento. “Esse sentimento de acolhimento é a base para a diminuição do desamparo, da tristeza. Se o sentimento de baixa autoestima estiver ligado à percepção de inadequação social, a convivência com outras pessoas, acolhedoras, pode ajudar a minimizar esse sentimento. Porém, não podemos afirmar que isso é uma regra, pois a baixa autoestima precisa ser tratada em psicoterapia, entendendo os mecanismos que a disparam e suas bases, criando recursos de enfrentamento para isso”, destacou.

O acompanhamento terapêutico foi importante para Gabriel\*. “O mais importante de todo o meu processo de isolamento foi o acompanhamento psicoterapêutico. Eu tenho a Bruna, que me

acompanha desde o ano passado, e estávamos em hiato no começo do isolamento, mas, depois de algum tempo, eu deixei de achar que a sessão por videochamada era uma má ideia”. E foram as telas que fizeram diferença na vida de muitas pessoas.

### **O mundo mediado pelas telas**

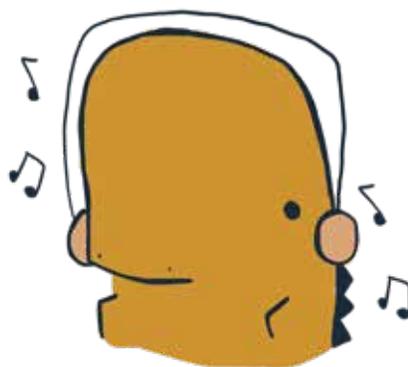
Durante o isolamento, tanto Gabriel quanto dona Divinéia tiveram que reorganizar os sentimentos e atividades. Segundo o professor, “alguma coisa eu estava deixando para trás. Comecei a sentir uma tristeza imensa e inesperada. Tinha dias que não queria sair do meu quarto”. Dona Divinéia também teve que repensar os sentimentos nesse período, pois mesmo morando com o marido e o filho, por muitas vezes se sentiu sozinha. “Eu me senti solitária porque estava cada um em seu canto. Eu olhava na rua e estava tudo deserto, cada um estava com a porta fechada”, relata a dona de casa. E foram nesses momentos que as telas do computador, do celular ou da

televisão, entraram em cena. “Eu não queria fazer mais nada. Eu mergulhei no vício em um jogo online, que eu jogava 10 anos atrás”, relata Gabriel. Dona Divinéia também encontrou refúgio em um meio de comunicação. “Eu saía na rua e tudo estava vazio, aí eu entrava e assistia os pastores pregando na televisão ou no celular para ver se trazia alguma alegria no meu coração”. E assim, tanto para Gabriel, quanto para dona Divinéia, as atividades midiáticas foram um escape. Mas eles não foram os únicos que fizeram uso dos meios de comunicação. A utilização da Internet, por exemplo, teve um aumento significativo durante a pandemia.

Segundo a pesquisa que aborda os indicadores sobre atividades na internet, cultura e comércio eletrônico durante a pandemia de COVID-19, Painel TIC COVID-19: Pesquisa sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus, houve um aumento do uso da internet para as mais diferenciadas práticas, sejam elas educacionais, culturais e de lazer.

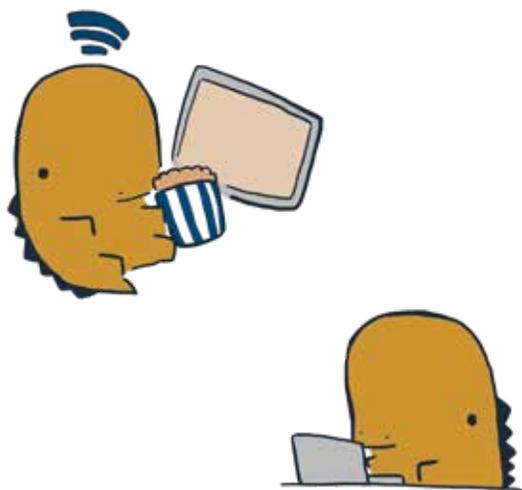
A pesquisa, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) de São Paulo relata que “com a pandemia e as medidas de isolamento social, mais usuários de Internet passaram a realizar atividades culturais como ouvir música e assistir a vídeos on-line”.

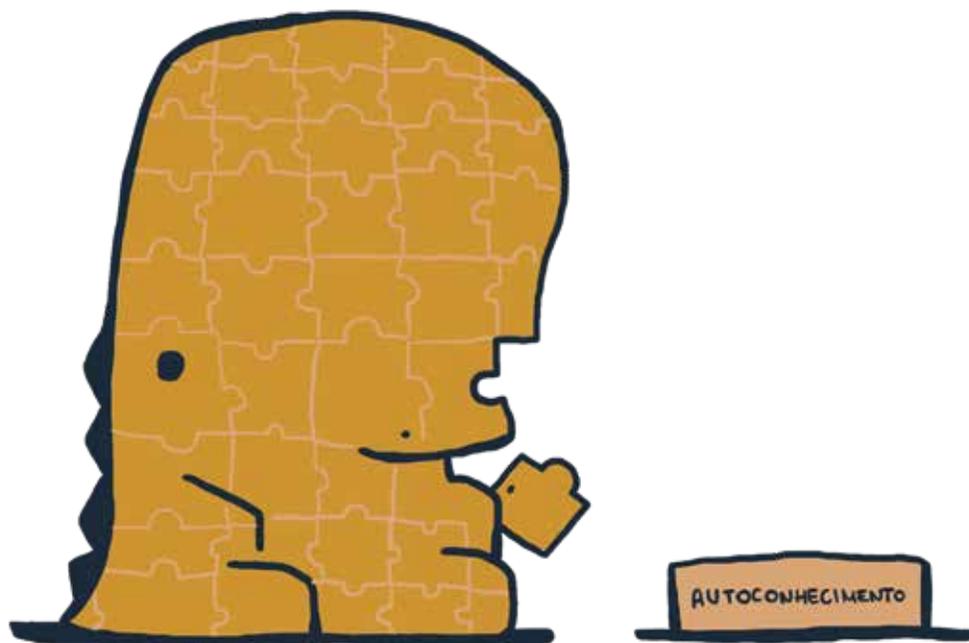
Segundo a pesquisa que aborda os indicadores sobre atividades na internet, cultura e comércio eletrônico durante a pandemia de COVID-19, Painel TIC COVID-19: Pesquisa sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus, houve um aumento do uso da internet para as mais diferenciadas práticas, sejam elas educacionais, culturais e de lazer. A pesquisa, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) de São Paulo relata que “com a pandemia e as medidas de isolamento social, mais usuários de Internet passaram a realizar atividades culturais como ouvir música e assistir a vídeos on-line”.



A pesquisa constatou que, durante a quarentena, 85% dos usuários brasileiros consumiram música pela internet e 86% assistiram programas, filmes ou séries online, sendo que, em 2019, os índices dessas atividades eram, respectivamente, 76% e 79%. O estudo também revelou que 64% dos usuários de Internet acompanharam lives durante a quarentena, o que é praticamente o dobro do número registrado em 2016.

O Painel TIC COVID-19 também avaliou o uso de ferramentas de aprendizagem online, modalidade que ganhou relevância durante a pandemia, em especial diante da interrupção de atividades presenciais em instituições de ensino. Segundo o estudo, foi registrado um aumento das atividades e pesquisas escolares pela Internet, reflexo da suspensão das aulas presenciais. O estudante da UnB Marvin Pires é um dos alunos que expressam esses dados. “O modelo de ensino adotado pela minha Universidade tem feito com que os professores avaliem os alunos por meio de trabalhos e atividades que normalmente demandam mais tempo e dedicação do que as tradicionais provas, além de serem mais numerosos”, relata o aluno.

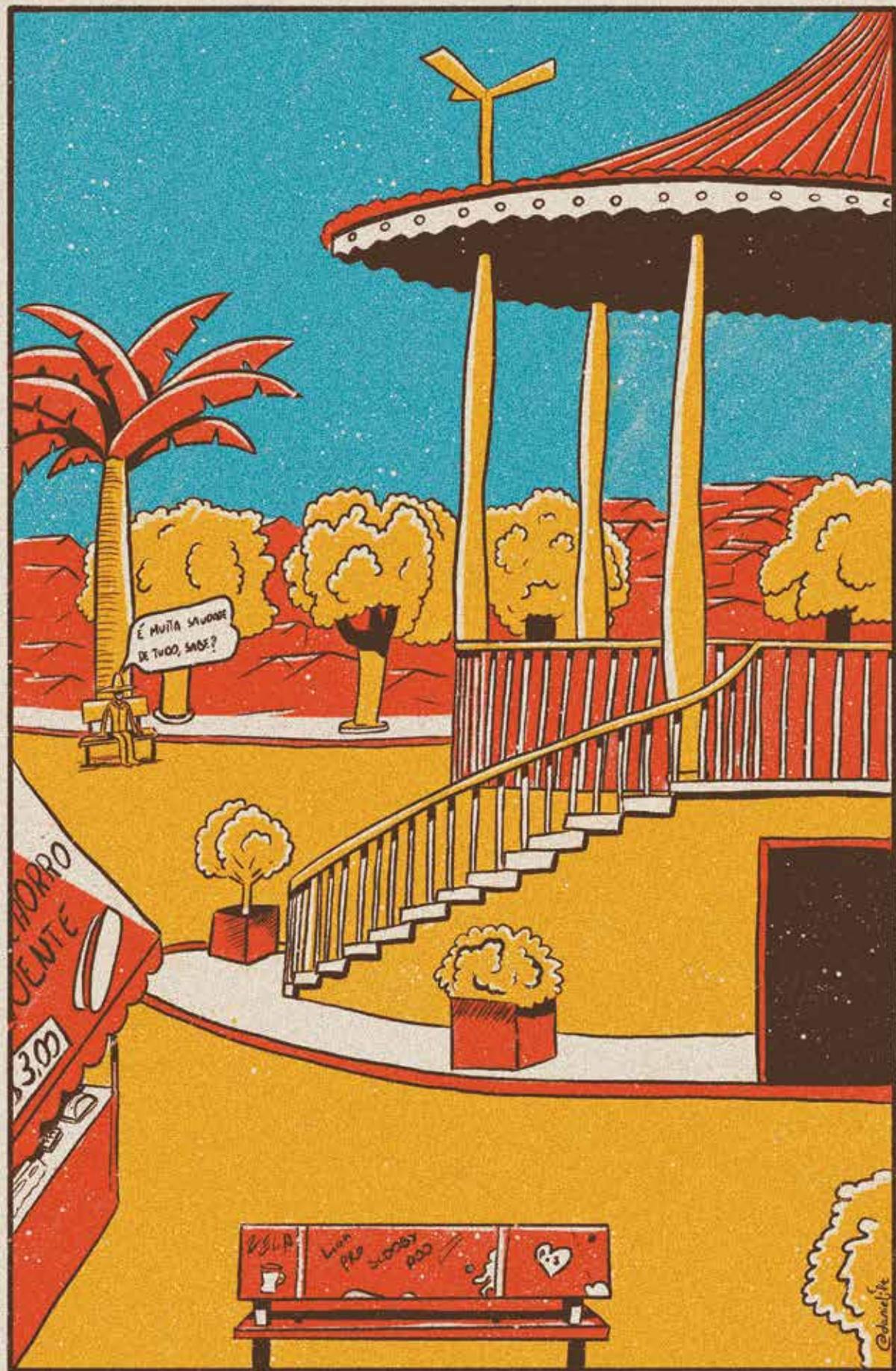




## O outro lado de estar só

Mas a solidão não é apenas um sentimento negativo. Tempos em que estamos sozinhos podem ser positivos para o crescimento pessoal. O psicólogo Allan Tavares destaca que “momentos de solidão, se percebidos como oportunidade de autoanálise e de conexão pessoal, são extremamente positivos para autorreflexão e conseqüente crescimento pessoal”. A professora de filosofia da organização Nova Acrópole de Brasília Lúcia Helena Galvão diz que o processo de estar sozinho é também uma forma de autodesenvolvimento. “Platão tem um conceito que no nosso momento histórico é mal-entendido, que é o conceito de divinos ócios. Nós associamos ócios em geral a não fazer nada. Ele dizia o seguinte: a alma de todo o ser humano necessita, da mesma maneira o jeito que o corpo precisa de alimento, de um horário por dia reservado para ser alimentada. Um momento do dia para que você encontre com você mesmo”, disse a professora em palestra ministrada na sede Nova Acrópole em 2012.

Os momentos em que estamos sós são também períodos em que estamos expostos a nós mesmos, o que acarreta crescimento e desenvolvimento pessoal. “O indivíduo tende a se observar mais e começa a criar mais afetividade por si, desenvolvendo mais autorrespeito e autorresponsabilidade. Se esses momentos forem percebidos como abandono e pessoas com adoecimento psíquico tenderem a enxergá-los assim, eles podem causar estragos no estado emocional do indivíduo e levá-lo a crises de pânico, estados depressivos e talvez até ideias suicidas. Se isso acontece, não há crescimento pessoal”, explica o psicólogo Allan Tavares. A solidão também pode ser vista como um espelho, em que podemos nos enxergar com nitidez, e que, mesmo que cause desconforto, nos oferece uma oportunidade de crescimento e autoconhecimento. E esse não é um conceito novo. Platão já dizia há mais de 350 anos antes de Cristo que a solidão é o ateliê onde o atento artista de si mesmo trabalha a matéria da vida, não há arte ou beleza em geral sem ela.



É MUITA SAÚDE  
DE TUDO, SAÚDE?

HORRORENTE

3,00

Luan  
PRO JORDAN  
PDD



Cebolinha



A UnB quem faz  
**é a gente**

Nesses meses de pandemia, a UnB não ficou parada. Com empatia e perseverança, desenvolvemos pesquisas, recriamos métodos de ensino e oferecemos novos serviços de apoio à nossa comunidade.

A campanha **UnB Quem Faz é a Gente** apresenta as ações e projetos produzidos pela instituição nesse período.

> ACOMPANHE E SAIBA MAIS EM NOSSOS CANAIS OFICIAIS:

-  [www.unb.br](http://www.unb.br)
-  [www.facebook.com/oficialUnB](https://www.facebook.com/oficialUnB)
-  [twitter.com/unb\\_oficial](https://twitter.com/unb_oficial)
-  [instagram/unb\\_oficial](https://www.instagram.com/unb_oficial)

